



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

JISLENE DOS SANTOS SILVA

**CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM ALAGOANA DURANTE A GRIPE
HESPANHOLA (1918-1919)**

Maceió, AL
2023

JISLENE DOS SANTOS SILVA

**CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM ALAGOANA DURANTE A GRIPE
HESPAÑHOLA (1918-1919)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Enfermagem da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a. Dra. Laís de Miranda Crispim
Costa.

Maceió, AL
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586c	Silva, Jislene dos Santos. Configuração da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918-1919) / Jislene dos Santos Silva. – 2023. 58 f. : il. Orientadora: Laís de Miranda Crispim Costa. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Enfermagem) – Universidade Federal de Alagoas. Escola de Enfermagem. Maceió, 2023. Bibliografia: f. 54-58. 1. História da enfermagem. 2. Enfermagem - Alagoas. 3. Influenza pandêmica, 1918-1919. 4. Saúde pública. I. Título. CDU: 616-083(813.5):616.921.5
-------	---

FOLHA DE APROVAÇÃO

JISLENE DOS SANTOS SILVA

CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM ALAGOANA DURANTE A GRIPE HESPAÑHOLA (1918-1919)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Escola de Enfermagem da Universidade Federal
de Alagoas, como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel em Enfermagem.

Aprovada em: 03 de março de 2023.

Documento assinado digitalmente
 LAIS DE MIRANDA CRISPIM COSTA
Data: 03/08/2023 23:10:38-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Laís de Miranda Crispim Costa – UFAL (Orientadora)

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 REGINA MARIA DOS SANTOS
Data: 03/08/2023 14:49:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Regina Maria dos Santos

Documento assinado digitalmente
 MARCELA DAS NEVES GUIMARAES PORCIU
Data: 03/08/2023 09:49:33-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Enfa. Ma. Marcela das Neves Guimarães Porciúncula

RESUMO

Estudo qualitativo, documental, de cunho histórico-social, cujo objeto é a configuração da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918-1919), tendo como objetivo analisar a configuração da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918-1919). O cenário geográfico insere-se em Alagoas com recorte temporal de 1918 a 1919. O corpus documental foi composto pelas fontes diretas e indiretas. As fontes diretas foram aquelas que possuíam relação direta com o objeto de estudo. Já as fontes indiretas se referem a elementos informativos, documental ou testemunhal que se colocam entre o pesquisador/historiador e o primeiro relato. A busca das fontes seguiu duas vias de investigação, *online* e presencial, percorrendo as seguintes etapas: busca das fontes; aplicação dos critérios de inclusão e exclusão; armazenamento e organização das fontes; análise dos dados e produção do estudo. A análise foi realizada em consonância com o método histórico, triangulando uma discussão entre as fontes diretas, indiretas e o referencial teórico adotado, qual seja, o pensamento de Michelle Perrot. As fontes evidenciam a existência e atuação de enfermeiras na assistência à população acometida pela epidemia, com ênfase nas enfermarias em postos de socorros instalados em instituições escolares na cidade de Maceió, capital do Estado. Sobre o perfil da enfermagem, ficou evidente a hegemonia da mulher, com remunerações distintas conforme o cargo e local de atuação. Identificou-se a ocorrência de inversão e acúmulo de cargo na prática do trabalho de enfermagem, como também a ocupação de espaços de poder dentro do ciclo de atuação da própria enfermagem, centrada na figura do homem, traduzida na função de “administrador de enfermaria”. A passagem da gripe espanhola por Alagoas foi marcada por grandes acontecimentos no contexto socioeconômico, político e, com destaque especial, na Saúde Pública.

Palavras-chaves: História da enfermagem; Enfermagem alagoana; Gripe Espanhola; Saúde pública.

ABSTRACT

This is a qualitative, documentary study of a historical-social nature, whose object was the configuration of Alagoas nursing during the Spanish Flu (1918-1919), aiming to analyze the configuration of Alagoas nursing during the Spanish Flu (1918-1919). The geographic scenario is part of Alagoas with a time frame from 1918 to 1919. The documentary corpus is composed of direct and indirect sources. Direct sources: sources that have a direct relationship with the object of study. Indirect sources: informative, documentary or witness elements that may be, for example, placed between the historian and the first account. The search for the sources followed two ways of investigation, online and face-to-face, generally going through the following steps: Search for sources; application of inclusion criteria and exclusion; storage and organization of sources; data analysis in the light of the relevant literature and study production. The analysis was performed in line with the historical method, triangulating a discussion between the direct, indirect sources and the theoretical framework adopted, that is, the thought of Michelle Perrot. The sources show the existence and action of nurses in the care of the population affected by the epidemic, with emphasis on the wards in emergency schools installed in school institutions in the city of Maceió, capital of the state. On the profile of nursing, the hegemony of women was evident, with different salaries according to the position and place of action. It was identified the occurrence of inversion and accumulation of position in the practice of nursing work, as well as the occupation of spaces of power within the cycle of action of the nursing itself, centered on the figure of man, translated into the function of "ward administrator". The passage of the Spanish flu through Alagoas was marked by major events in the socioeconomic and political context and, with special emphasis, in Public Health.

Keywords: History of nursing; Nursing from Alagoas; Spanish flu; Public health.

*Podem me tirar tudo que tenho. Só não podem me tirar as
coisas boas que eu já fiz pra quem eu amo.*
(Charlie Brown Jr - Dias de lutas, dias de glória)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ser minha fonte de força inesgotável. A minha família, em especial, as minhas duas mães (avó materna, Maria Helena, e Maria Jeneci, mãe biológica) por terem sonhado comigo, me possibilitando viver este momento, que, juntamente com meus irmãos, Ryan (futuro designer de interiores) e Gisele, mãe das minhas filhas de coração e sobrinhas (Juliana e Juliene), sempre apoiaram as minhas decisões e torceram pelo meu sucesso.

Ao amor da minha vida, meu companheiro de vida, marido, esposo, cônjuge, namorado, amigo: um homem honesto, trabalhador, carinhoso, amoroso, sonhador (como eu rsrs) que não passa um dia sem dizer o quanto me ama. A este homem que não mede nos elogios, que sempre se dispôs a proporcionar os meios necessários para realização dos meus sonhos, enfrentado todas as dificuldades e tornando os meus dias de choro, cansaço, incerteza e tristeza mais leves e resilientes. Ao Gleikson Heleno da Silva, o pedreiro (metido a mecânico rsrs) mais lindo e sexy da Via Láctea, que me deu o título de mãe bichológica (Marley, Floque, Heleno e Lucy - *in memoriam*), meus sincero obrigada, amo-te.

Expresso também meu sentimento de gratidão, aos amigos que a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) me deu. As mulheres, professoras e enfermeiras da minha querida Escola de Enfermagem/UFAL (a TOP das tops, aqui é Padrão Florence) que não exitam em oferecer um ensino de qualidade, perspectiva de um cuidado de enfermagem sustentado na ciência, no pensamento crítico, visão holística e guiados pelo preceitos do Sistema de Único de Saúde (viva ao SUS).

Assim, com todo meu carinho e admiração, agradeço à minha orientadora (a melhor Ori da UFAL) e professora, Dra. Laís de Miranda Crispim Costa, mulher linda, admirável, elegante, humilde e de um coração imenso (até um espirro dela é coerente e coeso), grata por esses anos de parceria de pesquisa e amizade. Também cito aqui, outra professora que admiro e respeito, um ser que acorda 4 horas da manhã para correr 10km?! não é gente, é um anjo. Ela é a Dra. Ana Carolina Santana Vieira, mulher, mãe, professora, enfermeira e atleta de alto rendimento (e bruxa) que carrega consigo um propósito, uma luta que poucos tomam para si, na defesa da Saúde da criança e do adolescente. *“Deixem elas que elas são Doutoradas, elas têm doutorado e são concursadas federal”*.

Não poderia deixar de mencionar, outras duas mulheres, enfermeiras: a professora Dra. Regina Santos, patrimônio histórico da Enfermagem Alagoana (essa mulher fez história na nossa profissão), e a Mestre Marcela Guimarães que além de enfermeira é historiadora, o que explica a sua paixão e maestria pela pesquisa histórica, minhas queridas, foi/será um imenso prazer trabalhar com vocês. Gratidão.

A minha querida Enfermagem - Turma 2017.2, tantos momentos de desespero, choro, brigas, gritaria, viagens, união e surto coletivo que ficarão para sempre em meu coração, grata. A minha Família Kowbalski (Amor eterno para com essas meninas): Barbara (isso msm, sem acento, quer ver ela brava? bote acento), Lind (ou Lindy, porque Lindynês é difícil de falar e escrever, sempre vai faltar uma letra ou acento), Rillary (a mamãe do Gael, vulgo Berg, companheira de estágio na maternidade - *“Rillary me colocava em cada enrascada”*), Mary (vulgo Jaíne que já sei até o ORCID de có de tanta parcerias que temos em pesquisas) e a Alice (a advogada-motoqueira com os audios de whatsapp mais longo registrados na história da humanidade- *“coitados dos clientes”*).

Encerro este relato de agradecimentos por aqui, aos que não citei, uma vez que já estou na segunda lauda, minha gratidão se traduz na mesma medida. Por fim, friso: *é muito importante estudar, nunca deixe isso de lado, e é isso, um beijo da Anitta [grifo nosso]*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Manuscritos da Inspectoria de Hygiene Pública do Estado de Alagoas sobre a Gripe Espanhola em Alagoas selecionados no Arquivo Público de Alagoas segundo a ordem de disposição, documento, descrição/assunto, data/local, palavra-chave e identificação no acervo. Maceió, Alagoas, Brasil, 2023.....17

Quadro 2 - Publicações do Jornal de Alagoas sobre a Gripe Espanhola em Alagoas selecionadas no Arquivo Público de Alagoas segundo a ordem de disposição, documento, descrição/assunto, data/local, palavra-chave e identificação no acervo. Maceió, Alagoas, Brasil, 2022.....20

Quadro 3 - Fontes diretas sobre a Gripe Espanhola em Alagoas selecionadas na Hemeroteca Digital Brasileira, segundo a ordem de disposição, documento, descrição/assunto, data/local, palavra-chave e link de acesso ao acervo. Maceió, Alagoas, Brasil, 2022.....28

Quadro 4 - Relação das enfermeiras contratadas pela “Inspectoria de Hygiene Publica de Alagoas” para atuarem em enfermarias de postos de socorro em Maceió durante a Gripe Espanhola, Maceió, Alagoas, 2022.....47

Quadro 5 - Relação das enfermeiras contratadas pela “Inspectoria de Hygiene Publica de Alagoas” para atuarem em enfermarias de postos de socorro em Maceió durante a Gripe Espanhola, Maceió, Alagoas, 2022.....47

Quadro 6 - Relação das mulheres que atuavam na Enfermagem durante a Gripe Espanhola (1918-1919) em Maceió, Alagoas, 2022.....50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 ABORDAGEM METODOLÓGICA E TEÓRICA.....	15
2.1 Tipo de estudo.....	15
2.2 Cenário e recorte temporal.....	15
2.3 Fontes.....	15
2.4 Critérios de inclusão e exclusão.....	16
2.5 Técnica e instrumentos de busca.....	16
2.6 Aspectos éticos.....	32
2.7 Análise de dados.....	32
2.8 Referencial teórico.....	32
3 A INFLUENZA HESPANHOLA EM ALAGOAS: MEDIDAS SANITÁRIAS E O COTIDIANO DA POPULAÇÃO.....	34
4 CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM ALAGOANA DURANTE A EPIDEMIA DA GRIPE HESPANHOLA (1918-1919).....	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
6 REFERÊNCIAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto a configuração da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918-1919). Trata-se de um estudo documental, de cunho histórico-social, com delimitação temporal de 1918 a 1919 e recorte geográfico o Estado de Alagoas, desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem (EENF) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

O interesse pelo tema surgiu a partir da participação no Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), no Grupo de Estudo Dona Isabel Macintyre (GEDIM/UFAL) e em pesquisas e eventos científicos voltados para História da Enfermagem brasileira e alagoana. Além disso, apesar de existirem diversos estudos acerca do contexto histórico da Gripe Espanhola e seus desdobramentos em distintas regiões do Brasil, a abordagem dessa temática em cenário alagoano pela literatura científica ainda é escassa, o que reforça sobremaneira o interesse pelo objeto de pesquisa.

A escolha do recorte temporal se deu com base no período dos registros documentais das fontes diretas encontradas, durante o processo de coleta de dados. Já o cenário geográfico teve como determinação, em parte, pela carência de estudos sobre a conjuntura da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola, como também pela relevância e contribuição científicas do estudo no que concerne a construção e manutenção da memória histórica da Saúde Pública e da História da Enfermagem em Alagoas.

A princípio, cabe esclarecer conceitos importantes que serão tratados no presente estudo. Em consulta ao livro *Linguagem Médica* (1998), de Joffre Marcondes de Rezende, os termos epidemia e endemia são tão antigos quanto a história da medicina, onde epidemia significa o surgimento de um grande número, em curto espaço de tempo, de novos casos de uma determinada doença em uma região ou localidade, ao passo que, endemia refere-se ao aparecimento de um número de casos ao longo do tempo.

A obra traz ainda o significado de pandemia, palavra de origem latina, utilizada por Platão pela primeira vez, e, posteriormente, por Aristóteles e Galeno em seus escritos, a qual caracteriza-se como uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente (REZENDE, 1998).

Outro ponto a esclarecer é que apesar de os termos epidemia e pandemia terem significados distintos, a pandemia é a palavra mais adequada a ser aplicada ao contexto da Gripe Espanhola de acordo com o conceito apresentado. No entanto, iremos adotar epidemia ao longo de nossas discussões, tendo em vista o emprego deste termo de escrita nos diversos estudos e documentos históricos consultados.

Esta explicação recai também como justificativa à utilização da expressão *Influenza Espanhola*, como sinônimo de Gripe Espanhola. Assim, ao usarmos fontes históricas é importante considerarmos as diferentes formas de escrita, as quais poderão ou não estarem em acordo com as regras gramaticais atuais. Sobre isso, Borges (2010) afirma que:

todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”(CHARTIER, 1990, p. 62-3, apud BORGES, 2010). Desta forma, todo tipo de texto possui uma linguagem específica, na qual foi produzido, própria de um segmento particular de produção, e esta ocorre considerando dadas regras peculiares ao meio intelectual de onde emerge, ao veículo em que será veiculada e ao público a que se destina (BORGES, 2010, p. 95).

A doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social; a esse respeito ela torna frequentemente mais visíveis as articulações essenciais do grupo, as linhas de força e de tensões que o transpassam (REVEL; PETER, 1976, p. 14). Além disso, a interação entre homens e as doenças epidêmicas é tão antiga quanto a história humana e a despeito de toda a evolução tecnológica havida, a população permanece firmemente ligada ao mundo natural (KLAJMAN, 2015, p. 119).

Segundo Ricon-Ferraz (2020), a Peste de Atenas foi uma das primeiras epidemias descritas em um texto histórico, de autoria de Tucídides, em 430 a.C, a qual os atenienses atribuíram ao envenenamento da água pelo inimigo. Nessa perspectiva, estudos de Campos Filho (2020) e Neumann et al. (2009) apresentam que, apenas no século vinte, é possível citar as pandemias dos anos 1918, 1957 e 1968; sendo a primeira, ocorrida em pleno curso da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um vírus que se disseminou rapidamente, designada como “Gripe Espanhola”, considerada a maior pandemia da história da humanidade em meados do século XX.

Com relação à mortalidade, os dados ainda são divergentes, no entanto Costa e Merchán-Hamann (2016) trazem uma abordagem mais ampla acerca dessa questão, evidenciando que:

estudos apontam que a influenza teria vitimado cerca de 38 milhões de pessoas na Europa e na América e que, em um mês, morreram de gripe, por dia, 4 mil pessoas em Londres; mais de 4 mil em Viena; e que, em Paris, houve dias com registro de 3 mil óbitos. Embora em muitas partes do mundo não existam dados, estima-se que essa pandemia tenha infectado 50% da população mundial, 25% tenham sofrido uma infecção clínica e a mortalidade total tenha sido entre 40 e 50 milhões; o número de 20 milhões de mortes, citado com frequência, é visivelmente muito baixo (COSTA; MERCHÁN-HAMANN, 2016).

Complementarmente, Gurgel (2013) destaca que apenas na Índia 5 milhões de pessoas morreram em decorrência da Gripe Espanhola; 225 mil na Alemanha, 500 mil nos Estados Unidos, 375 mil na Itália e 200 mil na Inglaterra e País de Gales.

A Gripe Espanhola manifestou-se em três ondas: a primeira irrompeu em março de 1918, apresentando taxa de mortalidade bastante baixa e, por isso, não motivou preocupação excessiva; a segunda, altamente virulenta, espalhou-se pelo mundo a partir de agosto do mesmo ano; e a terceira onda, menos virulenta, emergiu em janeiro de 1919, estendendo-se, em alguns lugares, até 1920 (SOUZA, 2008).

De acordo com Matos (2018) e Souza (2008), apesar do nome Espanhola, a Gripe Espanhola não teve sua origem na Espanha, mas sim em Kansas, nos Estados Unidos, uma vez que a primeira onda foi detectada nesta localidade, quando soldados da base militar foram hospitalizados, apresentando sintomas semelhantes aos da gripe, na maioria dos casos, de forma benigna.

Por outro lado, tem-se, de maneira menos frequente na literatura, a versão apontada pelos autores Costa e Merchán-Hamann (2016), de que a origem da Espanhola pode ser chinesa, uma vez que, na Europa os primeiros registros, datados de abril de 1918, deram-se em tropas francesas, possivelmente, relacionados a chineses contratados como auxiliares.

Sobre a origem do nome, Coury (2010) aponta que uma das justificativas para denominação Gripe Espanhola tem motivação política, pela neutralidade da Espanha durante a Primeira Guerra Mundial, uma vez que, parte de uma facção do governo espanhol demonstrava simpatia pelos alemães, fazendo com que esta titulação atribuída à moléstia, ganhasse mais amplitude política, principalmente, por iniciativa da Inglaterra.

No Brasil, inicialmente, a doença foi acompanhada à distância pelos jornais e a população não demonstrava muita preocupação, por considerar que devido a lonjura entre os continentes não se propagava no território nacional (ELL et al., 2020). Entretanto, todo o Brasil foi afetado, até mesmo a remota ilha de Fernando de Noronha, onde se dizia que a gripe chegara sem que sua população tivesse tido qualquer contato com os habitantes do continente; mas a mortalidade diferiu conforme a região (GURGEL, 2013, p. 2).

Conforme Goulart (2005), as primeiras notícias sobre a Gripe Espanhola só começaram a ganhar maior destaque na imprensa quando os componentes da Missão Médica Brasileira que se encontravam a caminho de Dakar, a bordo do navio *La Plata*, foram, um a um, adoecendo do misterioso mal, totalizando 156 mortos. Gurgel (2013) aponta que mesmo com dados estatísticos precários, acredita-se que, no Brasil, o número de mortes teria alcançado em torno de 35 mil pessoas, a maioria delas no Rio de Janeiro e no Estado de São Paulo, com 14.348 e 12.386 óbitos, respectivamente.

Infelizmente, ainda não se sabe ao certo, como a Gripe Espanhola chegou ao país, mas estudos de Kind e Cordeiro (2020), Goulart (2005) e Bertucci (2018) afirmam que a chegada da Gripe Espanhola em solo brasileiro ocorreu em setembro de 1918, por meio do navio inglês *Demerara*, o qual trouxe tripulantes infectados da Europa para os portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, locais onde atracou. Sobre isso, Schwarcz e Starling (2020) evidenciam o porto do Recife como o principal ponto de chegada da Gripe Espanhola no Brasil, uma vez que na cidade atracavam embarcações que vinham da Europa e da África, lugares afetados pela epidemia.

Com relação ao panorama alagoano, complementa-se, ainda, que do cais do Recife, a espanhola avançou por dois vetores, quase simultaneamente, sendo um deles em direção a Alagoas, atingindo Maceió e, no fim de outubro, a doença, que até então parecia restrita a alguns bairros da cidade, tinha se alastrado pelo estado (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

A Dissertação de Mestrado em História, defendida em 1986 por Claudio Bertolli Filho, na Universidade de São Paulo, é considerada como marco inicial para o surgimento de trabalhos de historiadores sobre a epidemia da “gripe espanhola” no Brasil (PAIVA, 2019). Ao se fazer uma busca na literatura encontram-se vários estudos referentes à conjuntura da Gripe Espanhola em diversas regiões brasileiras, sejam de publicações antigas ou mais atuais.

No contexto do sudeste e sul do Brasil, destacam-se as seguintes produções: *Epidemia em papel e tinta: a gripe espanhola nos jornais de São Paulo* (BERTUCCI, 2018); *Gripe espanhola no Espírito Santo (1918-1919): alguns apontamentos* (FRANCO et al., 2016); *La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro* (BRITO, 1997); *Um cenário mefistofélico: gripe espanhola no Rio de Janeiro* (GOULART, 2003) e *Concepção e desenvolvimento da exposição “gripe espanhola: a marcha da epidemia” do museu de história da medicina do Rio Grande do Sul* (POMATI et al., 2020).

Quanto à região do Nordeste, pontua-se os estudos: *A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços* (SOUZA, 2005); *Dançando com a morte: enfrentamento da gripe espanhola no Ceará (1918-1919)* (BATISTA; PAULA, 2021); e *Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano recifense (1918)* (SILVA, 2017).

Já com relação a uma análise mais intrínseca, de busca por elementos e premissas acerca da historicidade da enfermagem brasileira diante desse período de passagem da Gripe Espanhola, a literatura mostra-se restrita. Porém, destaca-se a Dissertação de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 2010, produzida por Amanda Ferreira Coury, orientada pelo professor Dr. Fernando Porto, intitulada “Fatos e fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola (1918)”.

Com uma abordagem metodológica histórico-social, por meio de documentos escritos e fotográficos, cujo o referencial teórico utilizou os conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, Coury (2010) propõe, dentre seus objetivos, analisar a presença da enfermeira nos textos imagéticos e as representações objetivas veiculados na imprensa ilustrada sobre a Gripe Espanhola, bem como discutir o efeito da crença simbólica na Cruz Vermelha Brasileira mediante a utilização da imagem pública da enfermeira. Assim, o estudo evidenciou a atuação de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira no cuidado aos enfermos em meio à epidemia no Rio de Janeiro.

Pelo exposto, é possível perceber que a história vem se aproximando de temáticas que buscam o conhecimento das doenças, os tratamentos médicos e as epidemias, anunciando formas de se estudar o passado, buscando o entendimento do homem, da sociedade e de seus mecanismos de sobrevivência (BERTOLLI FILHO, 2003, p.15 apud DALL’AVA, 2012). Ao revisitarmos o passado, por meio dos estudos históricos até então produzidos, no que concerne a historiografia da enfermagem

alagoana dentro do contexto da Gripe Espanhola, diagnosticamos lacunas e escassez de informações.

Para tanto, o presente estudo tem como objetivo analisar a configuração da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918 - 1919).

1. ABORDAGEM METODOLÓGICA E TEÓRICA

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de estudo qualitativo, documental, de cunho histórico-social, que consiste na investigação de fatos e/ou eventos passados que podem vir a ter influência no hoje, marcados pelo contexto cultural específico de cada época, contemplando o objeto do estudo (BARROS, 2019). Justifica-se o emprego da abordagem qualitativa, uma vez que esta considera as movimentações, valores, crenças, representações sociais e econômica que transpassam a rede das relações sociais, preocupando-se, assim, com o significado dos fenômenos e processos sociais (SILVA, 2008).

Complementa-se, nesta perspectiva, que a pesquisa documental possibilita a compreensão da questão em estudo, bem como a reconstrução da contextualização histórica e sociocultural de determinado fato ou momento vivido (TEODOSIO, 2016), indo assim, ao encontro e possibilitando o desenvolvimento da proposta deste estudo que visa analisar a configuração da Enfermagem Alagoana durante a Gripe Espanhola.

2.2 Cenário e recorte temporal

A pesquisa possui como cenário o Estado de Alagoas, em um recorte temporal compreendido entre 1918 e 1919, sendo vinculada ao Grupo de Estudos Dona Isabel Macintyre (GEDIM) e enriquecendo o acervo do Laboratório de Documentação e Pesquisa em História da Enfermagem (LADOPHE), da Escola de Enfermagem (EENF) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) ao resgatar e produzir fontes a serem incorporadas ao final da pesquisa.

2.3 Fontes

O *corpus documental* do estudo foi constituído por dois tipos de fontes: diretas e indiretas.

No livro *Fontes históricas: Introdução aos seus estudos bibliográficos*, Barros (2019) apresenta, com base em estudos propostos por Julio Aróstegui, as fontes

indiretas como um elemento informativo, documental ou testemunhal, podendo está, por exemplo, colocada entre o historiador e um primeiro relato, geralmente através de livros, artigos, revistas, revisões de literatura e várias outras obras de consulta. Já as fontes diretas configuram-se como aquelas que têm relação direta com o objeto de estudo.

2.4 Critérios de inclusão e exclusão das fontes

Como critério de inclusão tem-se documentos que apresentem registros sobre a atuação da enfermagem alagoana na Gripe Espanhola (1918-1919) e como critério de exclusão documentos danificados, ilegíveis ou duplicados.

2.5 Técnicas e instrumentos de busca

A busca das fontes seguiu duas vias de investigação: presencial e *on-line*.

Na primeira, a busca pelos achados se deu a partir de visitas *in loco* ao Arquivo Público de Alagoas (APA) com o intuito de identificar os documentos legíveis e aptos para a inclusão na pesquisa. Com isso, foi utilizado o catálogo de documentos da instituição, por acesso *on-line*, para seleção prévia dos documentos a serem apreciados. Feito isto, marcou-se uma visita ao acervo via *e-mail* com sinalização dos documentos e materiais a serem consultados e motivo da visita.

Após autorização da visita, procedeu-se a investigação, leitura detalhada e análise dos documentos, aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, com posterior armazenamento e identificação, como descrito nos Quadros 1 e 2. Vale ressaltar que todas as medidas para conservação e preservação dos documentos foram rigorosamente utilizadas, tais como, o uso de luvas, máscaras, recurso de captura de imagem sem uso de flash, bem como o respeito às demais orientações advindas do APA.

Já a segunda, de forma *on-line*, foi realizada através do site da Biblioteca Nacional Digital, no portal Hemeroteca Digital Brasileira. Tal busca ocorreu conforme as orientações de uso de arquivos digitais. Ao final da coleta, após leitura detalhada e aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, os documentos foram armazenados e identificados, como visualizado no Quadro 3.

Quadro 1 - Manuscritos da Inspectoria de Hygiene Pública do Estado de Alagoas sobre a Gripe Hespanhola em Alagoas selecionados no Arquivo Público de Alagoas segundo a ordem de disposição, documento, descrição/assunto, data/local, palavra-chave e identificação no acervo. Maceió, Alagoas, Brasil, 2023

Nº	DOCUMENTO	DESCRIÇÃO/ASSUNTO	DATA/LOCAL	PALAVRA-CHAVE*	IDENTIFICAÇÃO NO ACERVO
1	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Oficio direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando a contratação e pagamento de três homens para limpeza e remoção de lixo de casas visitadas por funcionários da Inspectoria de Hygiene Publica.	18 de outubro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 181
2	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado ao Secretário dos Negócios do Interior informando a posse do médico Dr. Hebreliano Maurício Wanderley para auxiliar a Inspectoria de Hygiene Publica nas medidas de combate à Gripe Hespanhola.	21 de outubro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 185
3	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Oficio para 32 dos Negócios do Interior informando o adoecimento da enfermeira Luiza Maria da Conceição do hospital de isolamento e contratação, mediante a diária de 1\$500 réis com direito a alimentação, da Irmã Maria Augusta da Conceição para substituí-la durante a pandemia.	26 de outubro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 191
4	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando o pagamento de trabalhadores contratados pela Inspectoria de Hygiene Publica para os serviços de extinção de focos de larvas (durante o dia) e lavagem e desinfecção das sarjetas (durante a	05 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 202

		noite).			
5	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando a contratação da D. Elisa Maranhão, desde do dia 1º novembro, para o serviço de enfermeira na Escola Pedro Paulino, mediante a gratificação de 100\$000 (réis) mensais.	07 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 205
6	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando a contratação de automóveis da garagem “Avenida”, por 7 horas diárias (no valor de 10\$000 por hora) para o serviço do socorro público.	08 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 208
7	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando a contratação da Sra. Felisbella Coelho para o serviço de cozinheira, mediante a gratificação de 1\$500 diárias, e do Sr. Amaro Pantana de Oliveira, desde o dia 5, para servente da mesma enfermaria, mediante a gratificação diária de 2\$000, para prestação de serviço na enfermaria da Escola Pedro Paulino.	09 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 209
8	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando a contratação da Sra. Leovigilda Moraes, mediante a gratificação mensal de 100\$000 (réis) para serviço de enfermeira na Escola Modelo instalada na Praça Deodoro.	09 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 210
9	Diretoria Geral do Serviço	Comunicado direcionado ao Secretário		Serviço Sanitário ou/e	Caixa: 1068

	Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	dos Negócios do Interior informando a contratação, para a enfermaria instalada na Escola Modelo, a Sra. Maria Francisca Braga (diária de 1\$500 réis) para o serviço de cozinheira e do Sr. Virgílio Braga (diária de 2\$000 réis) como servente.	11 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 212
10	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior sobre a dispensação dos serviços, na Escola Modelo, da enfermeira Leogivilda Moraes e da cozinheira Maria Fonseca Braga, as quais foram substituídas pela Sra Maria Amélia Leite e pela Sra Idalina da Silva Rocha, respectivamente.	18 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 218
11	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior relacionado ao pagamento de 75\$000 (réis) ao farmacêutico Hermilio Firmino Pinheiro, pelo serviço de administrador da enfermaria instalada na Escola Pedro Paulino, na levada, correspondente aos dias 1 ao 15 de novembro.	20 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 224
12	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior sobre a dispensação da ajudante de enfermeira do Hospital do Isolamento, Sra Augusta Maria da Conceição, por não haver necessidade de seus serviços.	26 de novembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 231
13	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior informando o pagamento de trabalhadores pelos	02 de dezembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica

	Hygiene Publica.	serviços prestados às enfermarias instaladas na Escola Pedro Paulino e Modelo durante o período da epidemia reinante.			Nº Doc: 236
14	Diretoria Geral do Serviço Sanitário do Estado de Alagoas - Inspectoria de Hygiene Publica.	Comunicado direcionado ao Secretário dos Negócios do Interior sobre o pagamento de trabalhadores pelos serviços prestados às enfermarias instaladas na Escola Pedro Paulino durante o período da epidemia reinante.	16 de dezembro de 1918. Maceió, AL.	Serviço Sanitário ou/e 1918	Caixa: 1068 Inspectoria de Hygiene Publica Nº Doc: 249
15	Requerimentos da Inspectoria de Hygiene do Estado de Alagoas ao governador do Estado de Alagoas.	Pedido de autorização de pagamento para o farmacêutico Octávio Brandão, no valor de 90\$400 (réis), pelo fornecimento de medicamentos aos doentes atacados pela Gripe Espanhola.	21 de dezembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Caixa: 688 Requerimentos da Inspectoria de Hygiene do Estado de Alagoas Nº Doc: 249

*Termo utilizado como buscador no catálogo do acervo documental do APA.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 2 - Publicações do Jornal de Alagoas sobre a Gripe Espanhola em Alagoas selecionadas no Arquivo Público de Alagoas segundo a ordem de disposição, documento, descrição/assunto, data/local, palavra-chave e identificação no acervo. Maceió, Alagoas, Brasil, 2023

Nº	DOCUMENTO	DESCRIÇÃO/ASSUNTO	DATA/LOCAL	PALAVRA-CHAVE*	IDENTIFICAÇÃO NO ACERVO
1	Jornal de Alagoas - A influenza hespanhola.	Aborda informações sobre a disseminação da Influenza Espanhola e seus prejuízos na cidade do Recife e a incerteza da população acerca da letalidade e proporções da epidemia. Comunica o leitor sobre a ocorrência de uma conferência realizada pelo governador de Estado (Dr. Fernandes Lima) junto ao Secretário do Interior e a Inspectoria de Higiene Pública para o estabelecimento de medidas profiláticas a invasão da	10 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		Influenza Hespanhola em Alagoas. O texto traz ainda uma publicação, recortada do jornal O Estado de S. Paulo, sobre a classificação, apresentação clínica e evolução da doença; caracterização do agente etiológico, modo de transmissão e cuidados para evitar o contágio, além de alguns apontamentos acerca da Influenza Hespanhola quando comparada com outras doenças epidêmicas já conhecidas.			
2	Jornal de Alagoas - Influenza Hespanhola - As providencias do dr. Carlos Seidl.	Discorre sobre um telegrama enviado por Carlos Seidl, diretor geral de saúde pública, ao presidente do Conselho Nacional de Hygiene de Montevideo, dr. Vital y Fuentes, informando sobre medidas profiláticas e sanitárias contra a Influenza Hespanhola e outras doenças epidêmicas, especialmente, direcionadas aos navios e passageiros que atracavam nos portos brasileiros.	13 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
3	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola	Comunicado, recortado do Jornal Pequeno, de Recife, reportando “conselhos científicos” para evitar o contágio da Influenza Hespanhola, tais como: afastamento de grupos (evitar aglomerações), combater a prisão de ventre, manter os intestinos em boas condições e uma maior preocupação com a antissepsia bucal e nasal. Como também, receitas para antissepsia bucal e nasal, orientadas pelos médicos renomados, as quais incluíam o uso de vaselina, salophenio e oxydo de zinco.	17 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
	Jornal de Alagoas - Chronicas do Recife - A “Bailarina”.	Faz uma abordagem do medo e incertezas da população recifense a respeito da Influenza Hespanhola e suas repercussões na	18 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		dinâmica na cidade.			
4	Jornal de Alagoas - Influenza Hespânica - Conclusões do diretor Geral de Saúde Pública Federal apresentadas a Academia de Medicina do Rio de Janeiro.	Telegrama do dr. Carlos Seidl, Diretor Geral de Saúde Pública da União, enviado ao Inspetor de Saúde do Porto do Jaraguá, dr. Ricardo Calmon. O conteúdo apresentava conclusões/apontamentos acerca da Influenza Hespânica apreciadas pela Academia de Medicina, com recomendações para divulgação.	19 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
5	Jornal de Alagoas - Influenza Hespânica - os meios de dar combate a epidemia.	Carta enviada ao Jornal do Recife com instruções sobre o uso de plantas para fins medicinais no tratamento das manifestações clínicas causadas pela Influenza Hespânica.	22 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
6	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespânica	Preocupação da população de Maceió quanto a rápida disseminação da Influenza, especialmente, nas cidades do interior do Estado, onde os meios de combate são mais dificultosos, trazendo uma lista das localidades mais devastadas pela doença. É apresentado também, no texto, o número de pessoas acometidas em cada bairro ou estabelecimento de Maceió. Comunicado de suspensão de eventos religiosos pelo secretário do bispado, Monsenhor J. Mauricio da Rocha; veiculação de nomes importantes do governo do Estado atacados pela Influenza Hespânica e de ações da Inspectoria de Higiene Pública para conter a disseminação da doença.	23 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
7	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespânica	Lista de Influenziados (pessoas acometidas pela Influenza Hespânica) e divulgação dos estabelecimentos que foram fechados segundo ordem do Dr. Hebriliano	24 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		Wanderley, além da distribuição de medicamentos para os doentes e compra de insumos para as ações de desinfecções na cidade.			
8	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola	Relata o intenso esforço das autoridades sanitárias nas ações de medidas profiláticas e gravidade da disseminação na capital e municípios e a situação de calamidade e penosidade dos doentes, principalmente, dos pobres. Faz uma denúncia sobre a exploração dos preços da venda de pão e leite à população de Maceió. Medidas de combate à disseminação da Influenza Hespanhola pela cidade.	25 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
9	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola	Discorre sobre as ações do governo do estado contra a disseminação da Gripe Hespanhola e da contratação do Dr. Hebreliano Wanderley para o cargo de superintendente do serviço sanitário de Alagoas, junto com o Dr. Zeferino Rodrigues.	26 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
10	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola	Atualizações quanto a situação de determinados municípios do Estado e traz algumas orientações para a população sobre cuidados preventivos ao contágio da doença.	29 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
11	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola - As várias formas por que se apresenta a "influenza".	Informações de cunho científico, advindas do médico francês, dr. J. Grasset, renomado professor de medicina e destaque na Academia Nacional de Medicina. O médico francês destaca em seu relato os aspectos de apresentação, sintomas principais, agente etiológico e formas de tratamento da influenza hespanhola. Aborda ainda, a	31 de outubro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		abertura de dois postos de socorro pelo governador dr. Fernandes Lima, um no palácio do governo e outro, quando este encontra-se fechado, na sede da Inspectoria de Hygiene Pública, ambos em Maceió, sob direção do dr. Moreira e Silva. O redator traz também uma carta enviada ao jornal, no conteúdo, o autor (não revelado) expressa a sua tristeza acerca da precária situação sanitária da cidade, culpando uma grande parcela população como contribuinte na propagação da epidemia, devido à falta de cuidados.			
12	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	Discorre sobre a distribuição de medicamentos e dinheiro para as famílias afetadas pela influenza hespanhola. Em um trecho, é relatado o conteúdo de uma carta enviada pelo secretário do governo, Dr. Carlos Azevedo, no dia 31 de outubro, a duas irmãs de caridade e a diretora de uma asilo, informando-lhes a doação de 300\$000 (trezentos mil réis) para serem distribuídas às famílias acometidas pela epidemia. Anuncia o fechamento de 3 dias do posto de socorro instalado no palácio do governo, sendo transferido temporariamente para a sede da Inspectoria de Hygiene pública, na rua Boa Vista. Anúncio da instalação de uma enfermaria, sob comando do Farmacêutico Dr. Hermillo Firmino, na Escola Pedro Paulino, nas localidades da Levada. Doações feitas por comerciantes, pessoas e da associação esportiva (Club de Regatas Brasil) às irmãs de caridade e Inspectoria de Hygiene Pública para serem repassados aos pobres acometidos pela epidemia. Recorte de	01 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		um folheto com orientações gerais do Conselho de Saúde Pública do Rio de Janeiro, para evitar o contágio da influenza hespanhola.			
13	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	A distribuição de água (mais de 5 pipas) para a população pobre, tendo o bairro do Pharol como ponto de referência, pelas autoridades do governo. Além de um “auxilio pecuniário” (dinheiro) às famílias pobres que achavam-se doentes pela influenza hespanhola. O documento ainda traz a relação de todas as pessoas, endereço de residência e o valor doado. Aquisição de uma carroça e burro pelo governador, para facilitar a assistência aos desvalidos (pessoas mais pobres, sem recurso, vulneráveis), ficando á disposição da população na Rua Dr. Miguel Omena, na Levada.	07 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
14	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	Destaca uma aparente regressão da epidemia na capital. Porém, nas regiões do interior a situação de calamidade ainda perdura, com destaque para a cidade de Penedo com grande número de enfermos. Traz nota pública do sr. Alexandre Freitas, funcionário da Empresa Telephonica, explicando dificuldades devido seus telephonistas encontrarem-se atacados pela <i>influenza hespanhola</i> .	08 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
15	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	A persistência no número obtido na cidade de Maceió, porém, com uma aparente e discreta diminuição. Parabeniza o trabalho e dedicação da Associação das Irmãs de Caridade no socorro às vítimas da epidemia, mostrando os locais percorridos pelas irmãs.	09 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		Doações de dinheiro por parte da sociedade para as senhoras desta associação.			
16	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	Visita feita pelo médico de hygiene pública, dr. Hebriliano Wanderley, a sede do jornal, onde comunica o declínio da epidemia no Estado de Alagoas. O jornal informa o recebimento de doações (dinheiro), a qual será destinada a viúvas e pobres vítimas da influenza hespanhola, tranzendo até uma lista com nomes das pessoas que foram contempladas pela doação.	10 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
17	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	Traz um recorte do Diário Oficial da República, de 15 de outubro, o qual aborda "medidas de prophylaxia" para a influenza hespanhola. Essas instruções, imposta pelo ministro do Estado dos Negócios de Guerra, em nome do Presidente da República, são direcionadas aos quartéis e estabelecimentos militares, abrangendo 21 tópicos com diferentes orientações.	12 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
18	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespanhola.	Informa o recebimento de um telegrama, datado de 12 de novembro, enviado pelo Presidente da República para o dr. Fernandes Lima, governador do estado. O conteúdo do telegrama aborda as formas de tratamento da influenza hespanhola mais adotadas, conforme orientações do dr. Carlos Chagas, em seguida, traz o esquema medicamentoso indicado por ele, de acordo com a situação clínica do doente. No telegrama havia também um memorial, de 29 de outubro, direcionado ao Presidente da República, encaminhado pelo Comitê Popular de Combate à Epidemia. Neste memorial,	13 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		menção o estado calamitoso da classe trabalhadora e proletária diante da fome, falta de alimentos, condições sanitárias precárias, da forma insatisfatória e desigual de socorro aos doentes pelo clero e outras entidades e a necessidade de normalização da atividade dos produtores. Tendo, ao final dos apontamentos, a cargo desse comitê, sugestões de medidas capazes de resolver ou amenizar a situação crítica. As sugestões propostas fazem referência a abertura dos armazéns em todos os bairros para fornecimento de alimentos e artigos essenciais à classe trabalhadora, com dispensação sob organização do Comitê Central e os subcomitês; dispensa de pagamento de aluguel de casas enquanto durar a epidemia. Por fim, o telegrama reporta um estudo científico de um médico italiano, divulgado ao jornal Tribuna de Roma, sobre a eficácia de uma injeção, via hipodérmica, de um sêrum (extraído do próprio sangue do paciente) capaz de combater as complicações da influenza.			
19	Jornal de Alagoas - A Influenza Hespânica.	Menciona o progressivo declínio da epidemia, reportando esse quadro às ações tomadas pelo governador, Dr. Fernandes Lima e os médicos de higiene, Oswaldo Sarmiento, Zeferino Rodrigues e Hebriliano Rodrigues. Anuncia também a reabertura dos cinemas Odeon e Delícia.	19 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918
20	Jornal de Alagoas - A "influenza" - Conselhos para evitar o mal.	Conselhos da chefia do Serviço de Saúde da 6ª região destinados aos oficiais e praças informando as precauções a serem tomadas para evitar a influenza hespanhola, ao todo	23 de novembro de 1918. Maceió, AL.	1918	Jornal de Alagoas - Julho a dezembro de 1918

		são 17 orientações.			
--	--	---------------------	--	--	--

*Termo utilizado como buscador no catálogo do acervo documental do APA.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Quadro 3 - Fontes diretas sobre a Gripe Hespânica em Alagoas selecionadas na Hemeroteca Digital Brasileira, segundo a ordem de disposição, documento, descrição/assunto, data/local, palavra-chave e link de acesso ao acervo. Maceió, Alagoas, Brasil, 2023

Nº	DOCUMENTO	DESCRIÇÃO/ASSUNTO	DATA/LOCAL	PALAVRA CHAVE*	LINK DE ACESSO
1	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Conferência sobre o estabelecimento de medidas de profilaxia decretadas pelo governador. Informando não haver confirmação de casos e negando a existência da epidemia em Maceió.	13 de outubro de 1918 (11 de outubro de 1918). Recife, PE.	"carlos seidl"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22carlos%20seidl%22&pagfis=18295 .
2	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Discorre sobre o surgimento de casos de <i>Influenza Hespânica</i> e quadro benigno da epidemia na capital.	15 de outubro de 1918 (13 de outubro de 1918). Recife, PE.	"carlos seidl"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22carlos%20seidl%22&pagfis=18311 .
3	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Informando a ocorrência de casos, porém benignos.	19 de outubro de 1918. (16 de outubro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18342 .
4	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Ocorrência de casos e a prevalência destes nos bairros do Poço e Jaraguá.	22 de outubro de 1918. (20 de outubro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18367 .

5	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Descrição dos bairros mais acometidos pela epidemia e medidas do governo: fechamento de vários estabelecimentos e instituições de ensino.	24 de outubro de 1918. (23 de outubro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18381 .
6	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Informando a ocorrência de casos de influenza e férias antecipada aos alunos das instituições particulares de ensino.	26 de outubro de 1918. (23 de outubro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18398 .
7	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	A ocorrência de casos benignos da influenza. A grande movimentação das farmácias. Todos os colégios e cinemas estão fechados.	27 de outubro de 1918. (não consta). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18407 .
8	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Fábricas e escolas fechadas e outras medidas de enfrentamento.	29 de outubro de 1918. (26 não consta). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18422 .
9	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Situação da epidemia nos bairros mais pobres de Maceió e distribuição de esmola para os enfermos.	02 de novembro de 1918. (30 de outubro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18450 .
10	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Informação dos casos graves/virulentos da gripe, os bairros mais acometidos e medidas de enfrentamento.	05 de novembro de 1918. (01 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18450 .

11	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Fala que economia não foi muito afetada e mortes de algumas pessoas conhecidas na cidade pela <i>Influenza hespanhola</i> .	07 de novembro de 1918. (03 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18473 .
12	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Discorre sobre a progressiva disseminação da epidemia na cidade, atitudes do governo e da igreja e atuação das irmãs de caridade.	09 de novembro de 1918. (05 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18501 .
13	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Casos da Gripe hespanhola na capital e a situação precária em cidades do interior.	10 de novembro de 1918. (07 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18510 .
14	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Informes sobre a situação crítica do estado sanitário de Alagoas.	12 de novembro de 1918. (09 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18523 .
15	Diario de Pernambuco - O "Diario" em Alagoas	Morte de um pintor famoso, atualizações sobre o estado de saúde do governador e da equipe da Inspectoria de Hygiene Publica. Declínio da doença em Maceió, porém com persistência nas regiões do interior do Estado, especialmente Penedo. Flexibilização das medidas de enfrentamento, com abertura de alguns estabelecimentos e redução na distribuição de medicamentos.	16 de novembro de 1918. (12 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18553 .

16	Diario de Pernambuco - O “Diario” em Alagoas	Traz a situação da gripe em Maceió, número de enterrados no cemitério e abertura de um cemitério novo. Indicações de medicamentos no combate à moléstia pelo Dr. Carlos Chagas. Aviso sobre a mudança na data do exame da Escola Normal e colação de grau transferida para fevereiro de 1919.	17 de novembro de 1918. (14 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18560 .
17	Diario de Pernambuco - O “Diario” em Alagoas	Sobre o declínio da influenza em Maceió, porém a situação crítica na cidade de Penedo, AL.	19 de novembro de 1918. (16 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18575 .
18	Diario de Pernambuco - O “Diario” em Alagoas	Reforçando o declínio da epidemia em Maceió e a reabertura de estabelecimentos e indústrias.	23 de novembro de 1918. (19 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18601 .
19	Diario de Pernambuco - O “Diario” em Alagoas	Fala de forma breve que a <i>Influenza</i> diminuiu.	28 de novembro de 1918. (26 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18638 .
20	Diario de Pernambuco - O “Diario” em Alagoas	A situação da epidemia em Penedo e sua propagação por regiões vizinhas, como Paulo Afonso.	30 de novembro de 1918. (28 de novembro). Recife, PE.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18653 .
21	Diario de Pernambuco - O “Diario” em Alagoas	A situação da <i>influenza hespanhola</i> nos municípios de	17 de dezembro de 1918.	"Influenza hespanhola"	http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=

		Alagoas e em Piassabussu.	(14 de dezembro). Recife, PE.		029033_09&Pesq=%22Influenza%20Hespanhola%22&pagfis=18782.
--	--	---------------------------	----------------------------------	--	---

*Termo utilizado como buscador no acervo dos conteúdos dos periódicos da Hemeroteca Digital.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

2.6 Aspectos éticos

Por não haver envolvimento direto com seres humanos na produção da pesquisa e os documentos analisados serem de domínio público, dispensou-se a necessidade de apreciação por comitês de ética, em consonância a Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016 que dispõe normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais e a Lei n. 12.527/2011, que trata de procedimentos a serem observados pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, com o fim de garantir o acesso a informações.

2.7 Análise dos dados

O processo de análise dos dados se deu com base no processo de crítica externa e interna das fontes. É mediante o processo de crítica à fonte que o historiador determina as evidências históricas nas quais se apoiará para interpretar ou comprovar suas hipóteses. Este deverá ser devidamente documentado e poderá auxiliar nas conclusões do estudo (PADILHA; BORENSTEIN, 2005, p. 582).

2.8 Referencial teórico

O presente estudo tem como referencial teórico o pensamento de Michelle Perrot, historiadora francesa, nascida em 1928. A autora, reconhecida no meio acadêmico devido aos seus trabalhos sobre a história das mulheres, é professora emérita de História Contemporânea na Universidade de Paris VII – Denis Diderot (WOITOWICZ, 2008).

Seu percurso começou na História Social, realizando pesquisa histórica sob inspiração, inicialmente, marxista e, depois, foucaultiana (PEDRO, 2003). No entanto, é importante destacar que Michelle Perrot participou desde o início de um movimento de pesquisas sobre as mulheres, que surgiu no início dos anos 1970, com contribuições pluridisciplinares (WOITOWICZ, 2008).

A perspectiva teórico-metodológica da historiadora insere-se no campo da nova história, principalmente no que diz respeito à busca por novos objetos. As reflexões e rupturas que envolvem a nova história coincidem com o movimento de libertação das mulheres, quando novos sujeitos passam a reivindicar o seu lugar na ‘escrita’ da história (WOITOWICZ, 2008).

Entre suas principais obras estão *A história das mulheres no Ocidente, da Antigüidade até nossos dias (1991-1992)*, coleção organizada com Georges Duby composta por cinco volumes, que foi traduzida em várias línguas, *Os excluídos da história (1992)*, *Mulheres públicas (1998)* e *Minha história das mulheres (2007)* (WOITOWICZ, 2008).

Quanto a aproximação de Perrot com leitores brasileiros, em 1988, por iniciativa de Maristela Bresciani – historiadora da UNICAMP –, a Editora Paz e Terra publicou uma coletânea de artigos com o título *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Após essa obra, vários capítulos de livro e artigos de revistas, assinados pela autora, foram traduzidos no Brasil (PEDRO, 2003).

2. CAPÍTULO 1 - A INFLUENZA HESPAÑHOLA EM ALAGOAS: MEDIDAS SANITÁRIAS E O COTIDIANO DA POPULAÇÃO

Eleita comarca no ano de 1774, mas já com focos de povoamento desde o século XVI, Alagoas era uma região disposta ao sul da Capitania de Pernambuco até o ano de 1817, quando se emancipou, tornando-se Capitania de Alagoas, por meio do Decreto régio de 16 de setembro de 1817, saindo da condição de comarca à independência (PACHECO, 2015; SILVA; CARVALHO, 2021).

Ao final do século XVIII e começo do século XIX, surgiram cerca de 500 jornais e periódicos em Alagoas, sendo o Íris Alagoense, o primeiro jornal a ser publicado no Estado, definido como um jornal político, literário e mercantil, apresentando-se ao público às quartas e sábados (FERREIRA, 2017). Já o Jornal de Alagoas foi criado em 31 de maio de 1908, por Luiz da Silveira, jornalista pernambucano, conhecido como “O espantalho das oligarquias”, apelido conferido em razão de sua oposição política e críticas constantes a Euclides Malta, governador então vigente (1909-1912) (FERREIRA, 2017).

Em 1918, ano da eclosão da Gripe Espanhola, segundo Kind e Cordeiro (2020), como não existia rádio e nem televisão à época, os jornais impressos eram o principal meio de comunicação, os quais tornaram-se um espaço de informação e discussão política acerca da Gripe Espanhola.

Esses periódicos traziam registros das cenas do cotidiano alterados pela pandemia, estatísticas sobre os contaminados e mortos, debate da comunidade médica e das diferentes forças políticas e, sobretudo, a veiculação das orientações sanitárias governamentais e as práticas adotadas pela população para conter a doença (KIND; CORDEIRO, 2020).

Sob a direção de Luiz da Silveira, juntamente com José Magalhães da Silveira e Faustino Magalhães da Silveira nas funções de gerente e secretário respectivamente, o Jornal de Alagoas, abordava assuntos relacionados à política e economia local, figuras importantes da igreja e da sociedade, publicações do Diário Oficial, anúncios diversos, notas fúnebres, ocorrências policiais, aniversariantes, atualizações da guerra na Europa e, em particular, da epidemia da Gripe Espanhola (JORNAL DE ALAGOAS, 1918).

O Jornal de Alagoas, então, trazia em suas páginas a epidemia, no geral, em matérias de 1 (uma) a 3 (três) colunas, com tópicos curtos e em destaque, que escancaravam as alterações causadas pela moléstia no cotidiano dos alagoanos. Além disso, por ser um periódico de raízes pernambucanas, já que seu fundador era natural de Pernambuco, havia comumente noticiários sobre o desenvolvimento do vírus no Estado vizinho, especialmente,

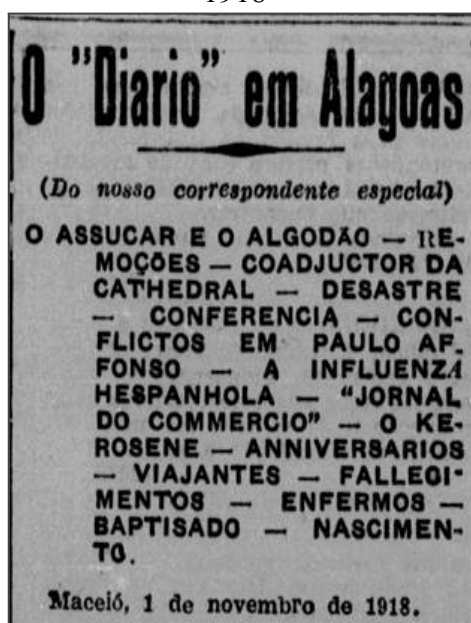
em Recife, por vezes, através da coluna *Chronicas do Recife* ou *Topicos* (JORNAL DE ALAGOAS, 1918).

Além disso, publicações acerca da *Influenza Hespanhola* não restringiam-se ao cenário de Alagoas e Pernambuco, estados como Rio de Janeiro e São Paulo também tomavam destaque, sobretudo, suas cidades capitais, com foco para discursos e orientações de autoridades médicas, a exemplo de Carlos Seidl, diretor geral de Saúde Pública à época, principal porta-voz da epidemia (JORNAL DE ALAGOAS, 1918).

Já em Pernambuco, outro periódico importante era o Diário de Pernambuco, jornal mais antigo em circulação, que já gozava de grande prestígio no estado. Esse Diário era publicado em 8 páginas, das quais pelo menos 4 eram voltadas para avisos, classificados, notas fúnebres, anúncios gerais e propaganda de cinema. Também fazia parte do periódico, noticiários de outros estados, como Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Pará (CAVALCANTE, 2008).

Como descrito inicialmente, apesar do Diário de Pernambuco ser um jornal de origem pernambucana, continha em suas páginas informações de outros estados do Brasil, dentre eles Alagoas. Assim, diversas notícias sobre a situação da Gripe Hespanhola em Alagoas, especialmente em Maceió, foram divulgadas neste periódico por seu correspondente especial na coluna, *O “DIÁRIO” em ALAGOAS*, demonstrado na figura 1 (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1918).

Figura 1 - Recorte da coluna O “Diario” em Alagoas no jornal O Diario de Pernambuco em 1918



Fonte: Diário de Pernambuco - O “Diário” em Alagoas, 5 de dezembro de 1918.

O “*DIÁRIO*” em *ALAGOAS*, era apresentado, dependendo da quantidade de informações, no espaço de uma a três colunas, geralmente, na página três e trazia os principais acontecimentos políticos e econômicos ocorridos no estado, falecimentos, nascimentos, aniversariantes, batizados, viajantes, eventos festivos e ocorrências policiais importantes (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1918).

Em Alagoas, as primeiras semanas de outubro de 1918 foram relativamente “calmas”, apesar do cenário no estado vizinho, Pernambuco, já não ser dos melhores, visto que em 25 de setembro, o Jornal Pequeno noticiava a chegada, no dia anterior, de dois enfermos a bordo do vapor Piauí no porto de Recife, e com rapidez a doença espalhou-se da região portuária para as ruas da capital pernambucana e, no início de outubro, os doentes se multiplicavam em ritmo acelerado (SILVA, 2017).

No dia 10 de outubro de 1918, o Jornal de Alagoas reemitiu uma nota, publicada no Diário Oficial do Estado, a qual evidenciava a ocorrência, no dia 8 de outubro, de uma conferência realizada pelo governador, Dr. Fernandes de Barros Lima, juntamente com o Secretário do Interior e Inspector de Higiene Pública, para traçar “medidas de caracter prophylatico” para impedir a “invasão da *Influenza Hespanhola*” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10 DE OUTUBRO DE 1918). Apesar da importância dessa informação, não estava explícito quais eram essas medidas.

Infelizmente, ainda não se sabe ao certo quando a *hespanhola* chegou em Alagoas, mas os dados indicam que foi por volta da segunda semana de outubro de 1918. Visto que, nos dias 11, 12, 13, 16 e 18 começaram a ser divulgados os primeiros casos da epidemia em Maceió. Porém, as notícias assumiam um discurso atenuante e com negacionismo, pois, embora houvesse surgimento de vitimados, a benignidade dos casos e a não ocorrência de óbitos eram sempre frisados:

Os jornais insistem em divulgar a existência de casos de influenza hespanhola nesta capital, o que não está devidamente averiguado (DIARIO DE PERNAMBUCO, 12 DE OUTUBRO DE 1918, p. 3).

Até hoje a *influenza Hespanhola* não tomou grande incremento em nossa capital, onde, entretanto, já verificaram varios casos da terrivel epidemia, não sendo nenhum deles funestos (DIARIO DE PERNAMBUCO, 16 DE OUTUBRO DE 1918, p. 2).

Infelizmente está grassando entre nós, sob uma forma muito benigna epidemia de influenza de que se acham atacada várias pessoas não estando nenhuma delas em perigo (DIARIO DE PERNAMBUCO, 13 DE OUTUBRO DE 1918, p. 3).

Está, segundo diz o “Jornal do Commercio”, grassando nesta capital a influenza hespanhola, tendo aqui desembarcado 3 passageiros vindos de Recife atacados desse mal, constando que a mesma epidemia foram atingidos um empregado da “*Great Western*”, assim com um gazeteiro (DIARIO DE PERNAMBUCO, 12 DE OUTUBRO DE 1918, p. 2).

Felizmente tem tido pequeno incremento a “influenza hespanhola” reinante agora em nosso meio, sob forma benigna. Salvo um ou outro caso que apresenta caracter de maior gravidade, todas pessoas atacadas acham-se em boas condições (DIARIO DE PERNAMBUCO, 18 DE OUTUBRO DE 1918, p. 3).

Sobre esse assunto, algo importante a ser mencionado era a “simpatia” **[grifo nosso]** que o periódico Jornal de Alagoas tinha para com o governador de Alagoas, Dr. Fernandes de Barros Lima, haja vista as constantes menções de elogios e ênfase ao trabalho e empenho diante da epidemia:

E digna de louvores a acção das autoridades sanitarias desta capital, de accordo com o exm. sr. governador do Estado, no sentido de dar combate a propagação da terrivel epidemia [...] (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

O governo do Estado tem se empenhado com a maxima actividade no sentido de jugular o desenvolvimento da insidiosa epidemia (JORNAL DE ALAGOAS, 26 DE OUTUBRO DE 1918, p.8).

O governo do Estado, entregue em boa hora ao exm. sr. dr. Fernandes de Barros Lima, já iniciou esse serviço de socorro aos pobres *influenzados* (JORNAL DE ALAGOAS, 31 DE OUTUBRO DE 1918, p.8).

O governador do Estado tem tomado a mais energicas e efficazes providencias afim de jugular do nosso meio a terrivel epidemia reinante (JORNAL DE ALAGOAS, 01 DE NOVEMBRO DE 1918).

Com isso, pode inferir-se que o motivo deste negacionismo e apreço tenha origem política, uma vez que Luiz da Silveira, além de ser diretor do Jornal de Alagoas, era deputado federal por Alagoas, fazendo parte do mesmo partido do Dr. Fernandes de Barros Lima, Partido Democrata de Alagoas, e sobretudo tendo Euclides Maltas como rival político em comum (FERREIRA, 2017; TICIANELI, 2018).

Entre a segunda metade de outubro e as primeiras semanas de novembro de 1918, a virulência da epidemia ganhava espaço em Alagoas. Como era de se esperar, Maceió foi a primeira acometida, sendo, inicialmente, o Jaraguá e o Poço, os bairros mais atingidos devido à proximidade com o porto, que inclusive, no dia 19 de outubro, tinha ancorado o vapor *Itagiba* com 30 passageiros doentes (DIARIO DE PERNAMBUCO, 20 DE OUTUBRO DE 1918).

Assim, à medida que os dias foram se passando, o quadro epidêmico da *Influenza Espanhola* ia se agravando. Ao final de outubro, o Jornal de Alagoas, externava em suas páginas o sentimento de medo e preocupação dos maceioenses quanto a rápida e progressiva disseminação da doença no estado:

A terrível epidemia reinante está se alastrando assustadoramente no interior do Estado, onde justamente os meios de combate são mais dificultosos. Nesta cidade, até hontem, conseguimos obter a seguinte reportagem, sobre os casos existentes: No Pilar, Alagôas, Atalaia, São Luiz do Quitunde, Anadia, São Miguel, Capella, Viçosa, Muricy, Cachoeira e Rio Largo é avultado o numero de pessoas atacadas desse mal. Especialmente nestes dois ultimos logares, segundo informações de pessoas vindas d'alli existem cerca de duzentos influenzados (JORNAL DE ALAGOAS, 23, 24, 25 DE OUTUBRO DE 1918).

Nas ruas da cidade cahem numerosas pessoas atacadas pelo terrível mal, algumas destas deitando sangue pelo nariz e pela bocca [...] (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

Até o momento não se tinha dados oficiais divulgados pelo governo do estado sobre o número de infectados. No entanto, em 23 outubro, perante investigação própria, o Jornal de Alagoas lança uma espécie de boletim epidemiológico impresso, contendo um registro do número de enfermos em Maceió, local de ocorrência, nomes dos indivíduos e/ou sua ocupação:

No trapiche Novo, em Jaraguá, 32 trabalhadores e o sr. Xisto Cardozo, gerente do mesmo; no Collegio S. João, á praça de Montepio e dirigido pelo revdmo. conego Machado de Melo, 4 alunos; no quartel do Batalhão de polícia, 10 musicos e várias praças; no quartel da Bateria de costa (edifício da antiga enfermaria militar), 34 praças; na estação Central da *Great Western*, sob a chefia do sr. Julio Gyrão, 13 funcionarios; na fabrica de linha *Alexandria*, no Bom Parto, 12 operários; no quartel do 42 Batalhão de caçadores, 81 praças; no Colegio 15 de Março, á rua 1 de Março e dirigido pelo professor Agnello Marques Barboza 3 alumnos; na fabrica de Sabão da firma Loureiro Barboza, em Jaraguá, 3 operários; vários guardas-civis; na fabrica Santa Magarida, em Jaraguá, 6 operários; nos arrabaldes - de Bebedouro, cerca de 20; Poço 65; Pharol 15; Levada innumeros e na Ponta Grossa quasi todos os moradores (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

No dia 25, uma nova lista é publicada, seguindo as mesma características da anterior, porém com atualizações na quantidade de vítimas:

No trapiche Novo, em Jaraguá, 32 trabalhadores e o sr. Xisto Cardozo, gerente do mesmo; no quartel do Batalhão de polícia, 10 musicos e 10 praças; no quartel da Bateria de costa (edifício da antiga enfermaria militar), 40 praças; na estação Central da *Great Western*, sob a chefia do sr. Julio Gyrão, 18 funcionarios; na fabrica de linha *Alexandria*, no Bom Parto, 40 operários; no quartel do 42 Batalhão de caçadores, 110 praças; na fabrica de Sabão da firma Loureiro Barboza, em Jaraguá, 15 operários; 40 guardas-civis; na fabrica Santa Magarida, em Jaraguá, 49 operários; na fabrica de sabão da firma Vilella & Cia, em jarangá, 10 operarios; no armazem de pelles de lona & Cia, em jaraguá, 5 trabalhadores; na *Serraria Modelo*, em Jaraguá, 25 operarios e o

socio gerente, sr. Manoel Cavalcanti; *Panificação Royal*, à rua 1º de Março e de propriedade do sr. Martins, todos os operarios; Companhia de Trilhos Urbanos, 15 motorneiros e 20 conductores; na Typographia Oriental, em jaraguá, 6 operarios; no armazem *Williams*, em jaragua, 15 trabalhadores; no armazem de assucar J. Vasconcellos, numerosos e o gerente sr. Benjamin Nunes Vieira; na Uzina Leão, em Utinga, diversos; na *Fabrica União Mercantil*, em Fernão Velho, grande quantidade; nas fabricas de tecidos de Cachoeira e Rio Largo cerca de 400 operarios (JORNAL DE ALAGOAS, 25 DE OUTUBRO DE 1918).

A Gripe Espanhola não fazia distinção de classe social, atingiu todos os segmentos da sociedade alagoana, desde pobres, indigentes a grupos socioeconomicamente privilegiados. Com isso, pessoas de prestígio, autoridades religiosas, de saúde e segurança pública e políticos, estavam entre os *influenzados*¹:

Acha-se atacado da influenza hespanhola o ilustre dr. Oswaldo Sarmiento, inspector de hygiene e saúde pública do Estado (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

Em vista do grande numero de enfermo que se contam na guarda civil e no batalhão de policia [...] (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01 DE NOVEMBRO DE 1918).

- Estão atacados da influenza hespanhola, sendo animador o seu estado, os revdmos. os sacerdotes conegos Fernando Lyra, Julio Braga e José Torres.
- Tambem se acha atacado de influenza o sr. dr. Cardoso Ayres.
- Ja se acha em convalecencia do accesso de grippe que o acometeu o poderoso commendador Francisco Leão (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01 DE OUTUBRO DE 1918).

Estão enfermos: o dr. Jorge de Lima, o dr. José da Rocha Cavalcanti Filho, o deputado federal Jose Silveira, o commendador Alexandre Reis o conego Antonio Valente, cura de Fé, o deputado estadual Salvador Costa e o conego Luiz Barbosa (DIARIO DE PERNAMBUCO, 07 DE NOVEMBRO DE 1918).

Ja entraram em convalecencia: o exmo do sr. governador, dr. Fernandes de Barros Lima [...] (DIARIO DE PERNAMBUCO, 14 DE NOVEMBRO DE 1918).

Contudo, era nítida a desproporção com que a moléstia assolava os diferentes estratos sociais. A situação precária da classe trabalhadora, operária, pobre traduzida nas páginas do Jornal de Alagoas e Diario de Pernambuco, refletia a insuficiência e desigualdade de acesso aos recursos disponíveis pelo poder público e filantropia:

A pobreza em toda essa historia vae sendo prejudicada uma vez que lhe falta o recurso.

¹ Termo designado as pessoas acometidas pela *influenza hespanhola*.

E` vexatoria e penosa a situação das pessoas pobres residente nos arrabaldes, onde o estado sanitario é deveras contristador, apesar do esforço dos poderes publicos, no sentido de evitar o mal.

Justamente nesses logares a *influenza* vae alastrando assustadoramente. (JORNAL DE ALAGOAS, 25 DE OUTUBRO DE 1918).

[...] a *influenza hespanhola* que tem attingido varias pessoas especialmente nos bairros pobres desta capital (DIARIO DE PERNAMBUCO, 30 DE OUTUBRO DE 1918).

Na emergencia difficil em que ora se encontra a pobreza desta capital, entre a qual existem numerosos casos de *influenza* [...]

[...] com o intuito de minorar o soffrimento dos influenzados pobres (JORNAL DE ALAGOAS, 31 DE OUTUBRO DE 1918).

Como se vê nos bairros mais pobres, as ruas mais esconsas, onde se encontra a verdadeira miseria têm recebido a generosa visita das Damas de Caridade [...] (JORNAL DE ALAGOAS, 09 DE NOVEMBRO DE 1918).

Diante do cenário preocupante de contágio, as ações sanitárias de combate a disseminação do vírus e de assistência aos doentes, especialmente pobres, foram ganhando destaque na imprensa jornalística. As medidas de contenção de aglomerados configurou-se como as primeiras e principais ações estabelecidas pelas autoridades políticas e religiosas de Alagoas, as quais determinavam a suspensão dos serviços de várias fábricas, espaços de diversão, restrição na aberturas de comércios entre outras medidas:

O sr. secretario do Interior determinou hontem aos srs. commissarios de policia da capital a proibição do jogo *foot-ball* e dos clubes dansantes desta cidade. [...] Desde hontem está impedida a Escola de Aprendiz de Marinheiros, localizada em Jaraguá (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

Segundo informações que obtivemos, a Inspectoria de Hygiene mandará fechar hoje, todos os collegios e instituições particulares desta cidade e arrabaldes (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

Suspensão das sollemidades religiosas. - Em virtude da epidemia que ora vai assolando esta cidade sr. excia. revm. determina que para maior contagio proveniente das junções do povo, sejam suspensas todas solenidades religiosas [...] (JORNAL DE ALAGOAS, 23 DE OUTUBRO DE 1918).

O dr. Hebriliano Wanderley officiou hontem a todos directores de estabelecimentos de ensino, a dispensa de seus alumnos internos (JORNAL DE ALAGOAS, 24 DE OUTUBRO DE 1918).

O dr. Hebriliano Wanderley, determinou a proibição de todos os *sambas* e do funcionamento dos *clubs carnavalescos* nesta cidade e arrabaldes (JORNAL DE ALAGOAS, 25 DE OUTUBRO DE 1918).

Ademais, sob ordenação da “Inspectoria de Hygiene Publica” de Alagoas, procedeu-se em Maceió a desinfecção de repartições públicas, da Casa de Detenção, de ruas e sarjetas, como também a distribuição gratuita medicamentos, limpeza e remoção de entulhos de lixo dos quintais das residências e terrenos baldios. Ficou estabelecido ainda, conforme ordens do Dr. Fernandes de Barros Lima, a instalação de um posto de socorro nas dependências do palácio do governo, com direção do médico Dr. Moreira e Silva:

Esse posto funcionará diariamente das 11 às 17 horas. Amanhã, sábbado e domingo, dias de feriado o aludido posto funcionará na Inspectoria de Hygiene, á rua da Boa Vista, em virtude de não haver expediente no palacio do governo. (JORNAL DE ALAGOAS, 31 DE OUTUBRO DE 1918).

Ainda, com o intuito de estabelecer a prestação de socorro pela classe médica, houve a criação de hospitais provisórios em diferentes localidades na cidade de Maceió, com a instalação de pontos de atendimento em três instituições escolares: ficando o primeiro na Escola Modelo, o segundo na Escola Pedro Paulino e o terceiro no Grupo Escolar Diégues Junior (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 05 DE OUTUBRO DE 1918).

Além disso, com a grande procura por medicamentos e, consequente, movimentação, as farmácias também reconfiguraram-se, sendo determinado o prolongamento do expediente até às 23 horas, permanecendo de plantão uma no Jaraguá e outra do Centro, desta forma funcionando como pontos de atendimento e distribuição de medicamentos aos que precisavam (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1918; JORNAL DE ALAGOAS, 1918).

O ritmo da cidade já se encontrava alterado, as restrições no fluxo e aglomerados de pessoas causaram uma desordem na dinâmica social. As farmácias encontravam-se em intensa movimentação e, no Jornal do Commercio, todos seus trabalhadores achavam-se doentes e por isso não havia circulação de seus exemplares. Para culminar, o preço do leite e do pão gerava indignação do povo, devido a carestia e exploração dos preços por parte dos fornecedores, e o comércio já não tinha a agitação de antes (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1918; JORNAL DE ALAGOAS, 1918).

Diante desse cenário, novembro chega e com ele a ascensão da epidemia. Mesmo diante das medidas de enfrentamento impostas até então, a *Influenza* passeava livremente pela capital e cidades vizinhas, sendo os trens da companhia ferroviária *Great Western* apontados como o principal meio de disseminação do vírus. O discurso atenuante, por vezes contraditório, ainda se mantinha nos textos jornalísticos, fora os elogios ao governo do estado.

Chamamos a atencção da hygiene para uma providencia contra a latrina infecciosa da estação central da *Great Western*. E inacreditável que n’uma

repartição exista um aparelho que é um verdadeiro foco de miasmas [...] (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01 DE NOVEMBRO DE 1918).

A *influenza hespanhola*, que sugira em nosso meio apresentando um caracter de grande benignidade e parecendo circumscripita a certos e determinados bairros, exhibe agora extrema virulencia em suas manifestações, já se contando varios casos fataes motivados por essa epidemia (DIARIO DE PERNAMBUCO, 01 DE NOVEMBRO DE 1918).

Um pouco attenuada. a influenza hespanhola continua a dezimar a população desta capital, sendo energicamente combatida pela dedicação tenaz de nossos medicos e pelos cuidados do governo e abnegado clero (DIARIO DE PERNAMBUCO, 05 DE NOVEMBRO DE 1918).

Continua a produzir consternação e amargura em nosso Estado a influenza hespanhola que já tem feito varias victimas, parecendo, entretanto, achar-se em declínio (DIARIO DE PERNAMBUCO, 07 DE NOVEMBRO DE 1918).

Mau grado o registro de obitos diarios, que ainda não decresceu, atinggindo o numero normal dos fallecimentos nesta capital, parece vai diminuindo entre nós a terrivel epidemia [...] (JORNAL DE ALAGOAS, 09 DE NOVEMBRO DE 1918).

Ao passar dos dias, a benignidade perdia espaço para os casos fatais e as notas de falecimentos começaram a ser inevitáveis. A exemplo disso, tem-se o caso do maceioense Carlos Leão Xavier, moço, filho de coronel, autodidata e “estimado artista pintor”, que ganhou destaque na imprensa, tendo o primeiro tópico da coluna O “Diario” em Alagoas direcionado apenas para comunicação e lamento de sua morte, história de vida e carreira artística (DIARIO DE PERNAMBUCO, 12 DE OUTUBRO DE 1918).

Como já dito, a *influenza* atingiu todos segmentos sociais alagoanos, porém as condições sanitárias precárias, como a falta de água, situação higiênica e de acesso aos alimentos pelo aumento dos preços em que a população pobre encontrava-se, tornavam a situação ainda mais difícil.

Para atender a demanda, o governo intensifica a distribuição de dinheiro aos pobres, especificamente às famílias pobres com *influenzados*. Assim, por meio dos “auxílios pecuniarios”², as quantias eram entregues a domicílio diretamente às famílias ou, mais frequentemente, no palácio do governo diretamente pelas mãos do Dr. Fernandes de Barros Lima ou por intermédio de outras autoridades e “Damas de caridades” (JORNAL DE ALAGOAS, 05 DE NOVEMBRO DE 1918).

O trabalho filantrópico também esteve presente no rol de ações voltadas à população pobre, com destaque aos desenvolvidos pelas “Senhoras de Caridade”/“Damas de Caridade”,

² Dinheiro que era distribuído pelo governo do Estado de Alagoas para famílias pobres que haviam doentes da Gripe Hespanhola.

as quais percorriam as ruas da capital, fazendo distribuição das “esmola pecuniárias” que lhes eram doadas pelo governo do estado, comerciantes, instituições e civis, como também levando consolo e esperança em suas visitas às famílias e indivíduos pobres acometido pela *Hespanhola*.

Como já mencionado, novembro foi um mês difícil para os alagoanos. Mesmo diante das diferentes ações desenvolvidas pela igreja, filantropia, poder público e sociedade civil, o avanço no números de casos fatais era evidente. Frente a gravidade sanitária, em 14 de novembro, é anunciado no periódico *Diario de Pernambuco*, que a intendência municipal estabelece a criação de um cemitério, pela desapropriação de um terreno.

Com isso, segundo Cavalcante (2013), por não ser mais possível efetuar enterramentos nos cemitérios existentes em Maceió, foi inaugurado um improvisado cemitério que, mais tarde, em 1920 dará origem ao atual cemitério São José.

Figura 2 - Cemitério de São José, no Trapiche da Barra, Maceió, logo após ser murado em 1921



Fonte: A Gripe Espanhola de 1918 em Alagoas – História de Alagoas (historiadealagoas.com.br), 2022.

Na mesma publicação, estava uma lista com um levantamento do número de mortos durante novembro produzida pelo jornal, era o único dado informativo consistente sobre a mortalidade da *influenza hespanhola* na capital, baseada no número de enterramento de apenas um cemitério, levando a entender que poderia haver subnotificação:

Eiz a lista de obitos que a *hespanhola* determinou em nosso meio, do dia 1^a ao 10 do corrente: 1º, 12 mortos; 2, 10; 3, 10; 4, 20; 5, 15; 6, 20; 7, 20; 8, 17; 9, 29 e 10, 19.

Essas cifras reportam-se apenas ao cemiterio de maceio, ignorando nós as inumeras feitas nos cemiterios de bebedouro e de Jaragua, que juntamente com o Poço e Pajussara, foi mais terrivelmente dezimado (DIARIO DE PERNAMBUCO, 14 DE NOVEMBRO DE 1918).

Algo curioso a ser mencionado é a prevalência de discursos atenuantes nos textos jornalísticos, em meio aos relatos de mortes, notícias sobre o declínio da epidemia estavam presentes, as quais ganham maior destaque, a partir da terceira semana de novembro. Ao passo que a hespanhola decrescia na capital, no interior do estado assumia um caráter de agressividade e disseminação, especialmente, na cidade de Penedo e regiões de fronteira com Alagoas, como a cidade de Paulo Afonso (DIARIO DE PERNAMBUCO, NOVEMBRO, DEZEMBRO DE 1918).

É diante desse cenário que as primeiras medidas de enfrentamento começam a ser revogadas, com a reabertura do comércio, cinemas e indústrias na cidade de Maceió. Com flexibilização das ações sanitárias, o cotidiano da população volta a sua naturalidade com mais movimentação nas ruas e comércio da capital (DIARIO DE PERNAMBUCO, NOVEMBRO, DEZEMBRO DE 1918).

Ao adentrar em dezembro, informações nos jornais sobre a situação da epidemia na capital e no interior limitam-se a breves notas, seguindo assim até fevereiro de 1919, não havendo mais menção da epidemia pelos jornais.

4. CAPÍTULO 2 – CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM ALAGOANA DURANTE A GRIPE HESPAÑHOLA (1918-1919)

Inicialmente, faz-se necessário abordarmos pontos importantes referentes aos pensamentos de Michelle Perrot, historiadora francesa, trazida aqui como referencial teórico, para auxiliar no desenvolvimento da leitura, reflexão e entendimento dos achados apresentados.

Como já mencionado neste estudo, devido a sua trajetória de pesquisa e aos seus inúmeros trabalhos reconhecidos na França e vários países, inclusive no Brasil, Michelle Perrot tornou-se uma referência intelectual internacional sobre a História das mulheres.

Nas obras *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, *Minha história das mulheres* e *Mulheres ou os silêncios da história*, Perrot traz uma análise extensa dos diversos aspectos que envolve o trabalho da mulher (no campo, doméstico e nas fábricas) e o silenciamento e ocultação da mulher na história. Esses dois pontos que apoiarão as discussões, não somente como elementos argumentativos, mas também vertentes crítico-reflexivas que servirão de base para a tecitura deste capítulo.

A chegada da *Influenza hespanhola* em solo alagoano, em meados de outubro de 1918, ocasionou diversos impactos no cotidiano da população, principalmente, dos pobres, obrigando as autoridades políticas e religiosas a se organizarem e desenvolverem estratégias de combate à disseminação do vírus e de assistência aos enfermos.

Assim, diante do cenário preocupante de ascensão da epidemia e, conseqüentemente, aumento no número de doentes, as ações de assistência médica foram sendo desenvolvidas ao comando do Dr. Fernandes de Barros Lima, governador de Alagoas à época, junto à "Inspeção de Hygiene Pública" do estado. Com isso, instituições de ensino foram transformadas em hospitais provisórios em diferentes localidades da capital, Maceió.

Medidas semelhantes a essa foram adotadas em outras localidades do Brasil, a exemplo de São Paulo, cidade que, em 1º de novembro de 1918, as autoridades governamentais já haviam organizados sete hospitais provisórios, e no dia seguinte, esse número subiu para 21 nosocômios prontos para acolher os doentes (BERTUCCI, 2018). Já na cidade do Rio de Janeiro, Santos (2021) revela a transformação de instituições escolares de diversos tipos em postos de socorros, incorporando mudanças na sua finalidade social.

Os documentos evidenciaram a contratação de enfermeiras para atuarem em enfermarias de hospitais provisórios durante a Gripe Hespanhola em Alagoas, como descrito no quadro abaixo:

Quadro 4 - Relação das enfermeiras contratadas pela “Inspeção de Higiene Pública de Alagoas” para atuarem em enfermarias de postos de socorro em Maceió durante a Gripe Espanhola. Maceió, AL, Brasil, 2022

NOME	FUNÇÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO
Elisa Maranhão	Enfermeira	Enfermaria da Escola Pedro Paulino
Leovigilda Moraes	Enfermeira	Enfermaria da Escola Modelo
Maria Amelia Leite	Enfermeira	Enfermaria da Escola Modelo

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A despeito disso, tem-se que a história da enfermagem está ligada ao pioneirismo no combate às doenças infecciosas, por vezes causadoras de surtos e epidemias que representam grandes desafios mundiais (ESTEQUI et al., p. 120).

Complementa-se, por Mecone e Freitas (2009) que, desde o início do século XX, a enfermagem foi alvo de interesses políticos e esteve envolvida com reformas sanitárias, tornando perceptível o papel relevante que a profissão teve na implantação da modernização da saúde pública brasileira.

Diante dos achados inéditos e para além da descoberta da atuação de enfermeiras no cuidado aos doentes durante a passagem da Gripe Espanhola em Alagoas, é notório que o exercício da prática da enfermagem estava presente nos ambientes de cuidado aos doentes em Alagoas, demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 5 - Relação das enfermeiras contratadas pela “Inspeção de Higiene Pública de Alagoas” para atuarem em enfermarias de postos de socorro em Maceió durante a Gripe Espanhola. Maceió, AL, Brasil, 2022

NOME	FUNÇÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Augusta Maria da Conceição	Enfermeira e Ajudante de enfermeira	Hospital do Isolamento	Trapiche da Barra, Maceió, Alagoas.*
Elisa Maranhão	Enfermeira	Enfermaria da Escola Pedro Paulino	Levada, Maceió, Alagoas.
Elvira Maria de Lima	Ajudante de enfermagem e lavadeira	Hospital do Isolamento	Trapiche da Barra, Maceió, Alagoas.*
Luisa Maria da Conceição	Enfermeira	Hospital do Isolamento	Trapiche da Barra, Maceió, Alagoas.*
Leovigilda Moraes	Enfermeira	Enfermaria da Escola Modelo	Praça Deodoro, Maceió, Alagoas.

Maria Amelia Leite	Enfermeira	Enfermaria da Escola Modelo	Praça Deodoro, Maceió, Alagoas.
--------------------	------------	--------------------------------	------------------------------------

*Dado retirado do endereço eletrônico <https://heha.uncisal.edu.br>, 2018.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Carlos e Germano (2011), aborda que, no período colonial (séculos XVI a XIX), no Brasil, os pajés foram os primeiros a ocuparem o lugar de cuidado aos doentes de suas tribos, mas com a colonização, as religiosas, os jesuítas, voluntários leigos e escravizados foram assumindo essa responsabilidade e ocupando esses espaços.

Petry e colaboradores (2019) destacam que a enfermagem no Brasil se estabeleceu através da criação do Hospício de Pedro II (1852), no qual Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo vindas da França, desempenhavam funções administrativas, de cuidados assistenciais, costura e preparo de alimentos aos alienados, como era denominado as pessoas com problemas psiquiátricos.

Diante disso, ao se refletir sobre a historicidade da enfermagem alagoana em meio a Gripe Espanhola de 1918, constatamos o emprego da força de trabalho feminina nos espaços de cuidado, visto que, seja nas funções de enfermeira ou ajudante de enfermaria, as mulheres faziam-se presentes.

No campo do trabalho, Michelle Perrot (2007) aponta que, seja nas atividades laborais do meio doméstico, da reprodução, não remunerada, não valorizada, as mulheres sempre trabalharam, por muito tempo atuaram no trabalho rural como camponesas. Na França, antes da Segunda Guerra Mundial, esta era a condição de quase metade das mulheres; já na África, América Latina e Ásia, sem dúvidas, são ainda a maioria.

Coelho (2005) afirma que o sexo feminino sempre esteve associado as práticas de cuidado, em virtude da sua capacidade biológica, natural de reprodução e responsabilidade no cuidado doméstico e da família. Neste âmbito, Padilha e Borenstein (2006) e Gasen, Carvalho e Goes (2013) colocam que a história da enfermagem confunde-se com a das mulheres, em razão de vincular-se às atividades domésticas realizadas por mulheres de família, monjas e/ou escravizadas.

A inversão e acúmulo de funções estava presente no seio da prática do cuidado da enfermagem alagoana, assim, mulheres ditas “enfermeiras”, contratadas para “servir como enfermeira” ou “ajudante de enfermeira” também ocupavam outros cargos, conforme observado na Figura 4. Com isso, ao analisarmos esses fatos relativos à enfermagem alagoana em meio a Gripe Espanhola, podemos inferir que tais práticas podem ser produto do

empirismo e da rudimentaridade da prática do cuidado de enfermagem desempenhado por essas mulheres.

Figura 3 - Recorte de um ofício da Inspectoria de Hygiene Publica de Alagoas, datado de 11 de setembro de 1919, informando a contratação de uma mulher para atuar no cargo de lavadeira e ajudante de enfermeira do Hospital do Isolamento. Maceió, AL, Brasil, 2022

Levo ao vosso conhecimento, para
os devidos fins, que em data de 9 do corrente,
contratei com a Smta. Elvira Maria de
Lima os serviços de ajudante de enfermeira e
lavadeira do Hospital do Isolamento, mediante a
gratificação de \$ 400,00 mensais.

Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 1919.

Para Coelho (2019), o período pré-profissional da enfermagem era baseado nas práticas empíricas, exercidas por pessoas leigas, homem ou mulher, que ao adquirir a prática, já julgavam como entendida em enfermagem, firmando sua reputação.

Mecone e Freitas (2009) relatam que o exercício da enfermagem no Brasil, até então, era praticado com base na solidariedade humana, no entanto, desde de 1890, a profissionalização da enfermagem no Brasil já vinha se consolidando no Rio de Janeiro, por meio da criação da Escola de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospício Nacional de Alienados, onde o ensino era voltado aos cuidados com pacientes psiquiátricos.

Já no início do século XX, a atuação da enfermeira americana Ethel Parsons possibilitou a inserção da enfermagem nos serviços do Departamento de Saúde Pública (DNSP), além da criação, em 1922, da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (hoje Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro), a qual facilitou a formação profissional e a padronização do ensino de enfermagem (BONINI et al., 2015).

No entanto, no âmbito do nordeste, um estudo produzido por Carlos e colaboradores (2014), o qual analisou a criação das Escolas de Enfermeiras no Nordeste brasileiro (1943-1975), revelou que a institucionalização da Enfermagem Moderna em Alagoas teve seu início apenas na década de 1950, sob o direcionamento da Lei nº 775/49, que regulamentou o

ensino de Enfermagem no país, com criação e funcionamento das Escolas de Auxiliares de Enfermagem, destinadas à qualificação profissional em nível médio.

Vendruscolo *et al.*, (2018), ao discorrer sobre a construção da enfermagem como profissão autônoma, científica e de saberes específicos, aponta alguns obstáculos para seu estabelecimento, dentre os quais está a escassez de instituições formadoras, principalmente, no período anterior ao século XX e influência da classe médica sobre a sua formação e atuação.

O saber é, contrário à feminilidade (PERROT, 2007, p. 91). No processo de acesso ao saber, a instrução da mulher tinha sua utilidade advinda da necessidade de torná-las agradáveis e úteis, inculcando-lhes hábitos de higiene e economia, obediência, sacrifício, renúncia e valores morais (PERROT, 2007).

Por outro lado, ao mencionar o feminismo anglo-saxão, feminismo do saber, Michelle Perrot (2007) destaca o legado de Florence Nightingale na construção da enfermagem, como um ofício, com salário decente, paramédico, qualificado, direcionando as moças oriundas das classes medianas.

Com relação à remuneração à época da *Hespanhola*, o valor diferenciava-se conforme a função desenvolvida e o local de trabalho. Na maioria das vezes, para enfermeira das enfermarias dos hospitais provisórios, tinha-se a quantia de 100\$000 (cem mil réis) mensais. Por outro lado, para as enfermeiras do Hospital do Isolamento o valor era diferente, porém com direito à alimentação. Já no caso da “ajudante de enfermeira” a remuneração era menor. No quadro 6 podemos observar melhor a distribuição dessas gratificações.

Quadro 6 - Relação das mulheres que atuavam na Enfermagem durante a Gripe Espanhola (1918-1919) em Maceió, AL, Brasil, 2022

NOME	FUNÇÃO	LOCAL DE ATUAÇÃO	GRATIFICAÇÃO
Augusta Maria da Conceição	Enfermeira	Hospital do Isolamento	1\$500 (mil e quinhentos réis) por diária e direito à alimentação.
Elisa Maranhão	Enfermeira	Enfermaria da Escola Pedro Paulino	100\$00 (cem mil réis) mensal.
Elvira Maria de Lima	Ajudante de enfermaria e lavadeira	Hospital do Isolamento	40\$000 (quarenta mil réis) mensal e direito a alimentação.
Luisa Maria da Conceição	Enfermeira	Hospital do Isolamento	60\$000 (sessenta mil réis) mensal e direito a alimentação.

Leovigilda Moraes	Enfermeira	Enfermaria da Escola Modelo	100\$00 (cem mil réis) mensal.
Maria Amelia Leite	Enfermeira	Enfermaria da Escola Modelo	100\$00 (cem mil réis) mensal.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

É o regime assalariado, principalmente com a industrialização, que, a partir dos séculos XVIII-XIX, nas sociedades ocidentais, coloca em questão o "trabalho das mulheres" (PERROT, 2007, p. 110). Sobre a participação da mulher no trabalho assalariado, Michelle Perrot (2007) descreve como um processo regido pelas necessidades da família, caracterizado por ocupações tecnologicamente específicas, subordinadas e com salários baixos.

Na sua origem, a enfermagem era exercida majoritariamente por mulheres e sua prática vinculada aos afazeres domésticos, de modo que, mesmo após a inserção dessa profissional no mercado de trabalho, o baixo valor social e financeiro a ela atribuído guarda relação com a desvalorização do trabalho feminino (LAITANO et al., 2019, p. 306).

Algo importante evidenciado pelas fontes, apesar de ser estabelecido a atuação de enfermeiras na epidemia da Gripe Espanhola em Alagoas, é que a chefia das enfermarias não era exercida por essas mulheres. Nesses ambientes, a figura de poder estava centrada no masculino, como evidenciado em um ofício da Inspectoria de Hygiene Publica (visto na Figura 4) comunicando a contratação e pagamento de um “pharmaceutico” para exercer funções de “administrador de enfermaria”, sendo sua gratificação superior a das mulheres atuantes nos cuidados de enfermagem.

Figura 4: Recorte de um ofício da Inspectoria de Hygiene Publica de Alagoas informando a gratificação do administrador da enfermaria de um hospital provisório durante a epidemia da Gripe Espanhola de 1918 em Maceió, AL, 2022

Incluso remetto a V. Excia, para os devidos fins, o recibo do Phco. Hermilio Firmino Simões, da quantia de 75\$000, a que tem direito na qualidade de Administrador da Enfermaria installada na Escola Pedro Paulino (Levada), correspondente a 15 dias de serviço, contados de 1º a 15 do corrente, a razão de 150\$000 mensaes.

Pag a prosperidade.

Fonte: Arquivo Público de Alagoas, 1918.

Michelle Perrot (2017) relata que a relação da mulher com o poder insere-se, primeiro, nos diversos sentidos atribuídos à expressão, ou seja, ao jogo de palavras. Assim, quando expresso no singular, poder, remete à política, basicamente a figura central, do Estado, que geralmente supõe-se masculina. A autora, afirma ainda, que no plural, poderes, apresenta múltiplos sentidos, assemelha-se a influências secundárias e difusas, nas quais mulheres têm sua grande parcela. Com isso, restando para as mulheres o “poderes” e não o “poder”.

A despeito da atuação da enfermagem, especialmente, da enfermeira nos espaços de poder, seja nos espaços próprios da enfermagem quanto aos demais cenários, em razão da evolução histórica dessa profissão, a subordinação sempre esteve atrelada às suas funções laborais.

Assim, embora a profissionalização da enfermagem tenha concedido às enfermeiras um status de profissão e operado mudanças na sua prática, o mercado de trabalho manteve a estrutura de dominação social baseada na relação de gênero, conservando as condições de subordinação (LAITANO, 2019, p. 308).

Em consonância a isto, tem-se que o papel social de subordinação das mulheres se reproduz no espaço privado (família), como também no profissional. A historicidade da exclusão do papel feminino na sociedade contribui na reprodução das relações de poder de dominação-submissão até hoje presentes no setor saúde (ZAGONEL, 1996, p. 79).

Tratando da historiografia da enfermagem alagoana, a invisibilidade da força de trabalho feminina e, conseqüentemente, do cuidado de enfermagem, manifestava-se na ausência da menção da enfermeira nos registros jornalísticos aqui analisados, tanto no Jornal de Alagoas quanto no Diário de Pernambuco, pois mesmo diante do envolvimento de diversos segmentos da sociedade no combate à epidemia, o médico tinha destaque principal nos relatos, enquanto a enfermeira nenhum.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios, caracterizado pelo silenciamento das mulheres em decorrência das relações de poder, bem como das fontes (PERROT, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem da gripe espanhola por Alagoas foi marcada por grandes acontecimentos no contexto socioeconômico, político e, com destaque especial, na Saúde Pública. Quanto à configuração da enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918-1919), as fontes evidenciam a existência e atuação de enfermeiras na assistência à população acometida pela epidemia, com ênfase nas enfermarias em postos de socorros instalados em instituições escolares na cidade de Maceió, capital do Estado.

Sobre o perfil da enfermagem, ficou evidente a hegemonia da mulher, com remunerações distintas, conforme o cargo e local de atuação. Identificou-se a ocorrência de inversão e acúmulo de cargo na prática do trabalho de enfermagem, como também a ocupação de espaços de poder dentro do ciclo de atuação da própria enfermagem, centrada na figura do homem, traduzida na função de “administrador de enfermaria”.

Destarte, apesar dos dados contribuírem de forma inédita na construção do conhecimento sobre a enfermagem alagoana durante a Gripe Espanhola (1918-1919), faz-se necessário o desenvolvimento de novas pesquisas que possibilitem a estruturação e manutenção da memória histórica da enfermagem.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. D. **Fontes históricas: introdução aos seus estudos historiográficos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1ª ed., 2019.

BERTUCCI, L. M. Epidemia em papel e tinta: a gripe espanhola nos jornais de São Paulo. **Khronos**, São Paulo, n. 6, p. 11, 2018. DOI: 10.11606/khronos.v0i6.150677. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/khronos/article/view/150677>. Acesso em: 11 set. 2021.

BONINI, B. B. **Participação de enfermeiras americanas na profissionalização da enfermagem brasileira: 1942 - 1961**. Tese (Doutorado em enfermagem). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BORGES, P. D. V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. **rth** |, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CAMPOS FILHO, R. A Peste, a Gripe Espanhola e a Covid19 – Geografizando as Pandemias pelo Mundo. **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, v. 9, n. 1, p. e912014, 21 abr. 2020. Disponível: <A peste, a gripe espanhola e a covid19 – geografizando as pandemias pelo mundo | Élisée - Revista de Geografia da UEG>.

CARLOS, D. J. D.; GERMANO, D. M. Enfermagem: história e memórias da construção de uma profissão. **Rev. Min. Enferm**, Minas Gerais, v. 15, n. 4, p. 513-521, out./dez., 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/essiqueira/biblio-1120829>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CARLOS, D. J. D. *et al.* Escolas de enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). **Rev Rene**, Fortaleza, Ceará, v. 15, n. 2, jun. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3161>. Acesso em: 20 dez. 2022.

COSTA, L; MERCHAN-HAMANN, E. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. **Rev Pan-Amaz Saude**, Ananindeua, v. 7, n. 1, p. 11-25, mar. 2016. Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232016000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 maio 2022.

CAVALCANTE, R. B. L. **A preservação do cemitério Nossa Senhora da Piedade como patrimônio para Maceió, AL**. 2013. Dissertação de Mestrado (Mestrado) - Universidade Federal de Alagoas, 2013.

COELHO, AC; OLIVEIRA, J; RODRIGUES, I. O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias. **Revista Multidisciplinar.com**, Portugal, v.4, n.2, p. 95-115, 2019. Disponível em: <https://revistamultidisciplinar.com/index.php/oj/article/view/88>. Acesso em: 19 jun. 2022.

COURY, A. F. **Fatos e fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola (1918)**. 2020. 126 f. Dissertação (mestrado em enfermagem). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <Fatos e

fotos da enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no enfrentamento da gripe espanhola (1918) (unirio.br)>.

DALL'AVA, J. P. A imprensa jornalística como fonte documental para a História das Doenças: as epidemias de febre amarela e de gripe espanhola em Sorocaba. **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10 set. 2021.

ELL, E. et al. Fragmentos da Gripe Hespânica em Versos e Poesias. **Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares - OBHA**. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42445/2/ve_Erica_Ell_et al_2020.pdf. Acesso em: 09 de set 2021.

ESTEQUI, J. G. O protagonismo da enfermagem nas doenças infecciosas e epidemias comunitárias no Brasil. **Cuid Enferm**. Paraíba, v. 15, n. 1, p. 119-128, 2021. Disponível em: <p.119-128.pdf (webfipa.net)>.

RICON-FERRAZ, A. As grandes Pandemias da História. **Rev. Ciência Elem.**, 2020, v. 8, /n. 2, p. 01-25.

FERREIRA, M. R. B. G. **A Página literária do Jornal de Alagoas: culturalização da linguagem do escritor na Maceió modernista**. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2017. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/6910#preview-link0>. Acesso em: 22 set. 2022.

GASSEN, K. N. R.; CARVALHO, C. L.; GOES, C. H. B. A profissão de enfermagem. **Revista de Saúde Dom Alberto**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <A-Profissão-de-Enfermagem-uma-Análise-Histórica-de-seus-Avanços-e-Desafios-Atuais-no-Brasil.pdf (unisba.edu.br)>. Acesso em: 05 ago. 2022.

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 101-142, Apr. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000100006>.

GURGEL, C. B. F. M. 1918: a gripe espanhola desvendada? **Rev. Bras. Clin. Med.** Campinas, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 1- 6, dez. 2013. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n4/a4129.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

JORNAL DE ALAGOAS. **Influenza Hespânica**. Outubro de 1918.

JORNAL DIARIO EM PERNAMBUCO. **O “DIARIO” em Alagoas**. Outubro de 1918.

KLAJMAN, C. A Gripe sob a ótica da História Ecológica: um estudo comparativo entre as pandemias de 1918 e 2009. **História Revista**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 118–137, 2016. DOI: 10.5216/hr.v20i3.36909. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/36909>. Acesso em: 10 set. 2021.

KIND, L.; CORDEIRO, R. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no Brasil. **Psicologia & Sociedade**. 2020, v. 32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

LAITANO, A. D. C. et al. Precarização do trabalho da enfermeira: militância profissional sob a ótica da imprensa. **Acta Paulista de Enfermagem**. São Paulo, v. 32, n. 3, p. 305-311, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0194201900042>>. Acesso em: 05 ago. 2022.

MECONE, M. C. DA C.; FREITAS, G. F. DE .. Representações da enfermagem na imprensa da Cruz Vermelha Brasileira (1942-1945). **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 18, n. 4, p. 741-749, out. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/T4gdrbNVgSHd8pVRmXwdwbm/?format=pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

MATOS, H. J. A próxima pandemia: estamos preparados? **Rev Pan-Amaz Saúde**, Ananindeua, Pará, v. 9, n. 3, p. 9-11, set. 2018. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232018000300009. Acesso: 11 mar. 2020.

NEUMANN, Cristina Rolim; AZAMBUJA, Maria Inez Reinert; OLIVEIRA, Francisco Arsego de; FALK, João Werner. Pandemia de influenza a (n1h1): o que aprender com ela? **Revista HCPA**. Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 92-99, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28915>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PACHECO, L. C. Racismo e Intolerância Religiosa: Representações do Xangô nos jornais de Maceió entre 1905 e 1940. **Sankofa**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 80-109, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/102435>. Acesso em: 16 nov. 2022.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. Método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**. 2005, v. 14, n. 4, p. 575-584. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/xP3qnvKypfxsX3NXZGyf3vk/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PAIVA, M. C. A. **O flagelo da gripe espanhola: de negação à convicção de sua presença letal no espírito santo (1918-1919)**. In: FRANCO, S.P. Artes de curar: doenças em perspectiva. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

PEDRO, J. M.. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, Florianópolis, v. 11, n. 2, jul. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200009>. Acesso em: 20 ago. 2022.

PERROT, M. A história feita de greves, excluídos & mulheres (entrevista). **Tempo Social; Rev. Sociol.** São Paulo, v. 8, n. 2, p. 191-200, out.1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/hCz6hk5rrJhGRCMn7zSyMHP/?format=pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PERROT, M. PARTE II – MULHERES: As mulheres, o poder, a história. In: Michelle Perrot. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 7ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo, Brasil: Paz e Terra, 2017.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PETRY, S. *et al.* Autonomia da Enfermagem e sua Trajetória na Construção de uma Profissão. **Hist enferm Rev eletrônica**. v. 10, n. 1, p. 66-75, 2019. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n1/a7.pdf>. Acesso: 10 jan.2023.

REVEL, J.; PETER J. P. **O corpo: o homem doente e sua história**. In: Le Goff J, Nora P. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1976. p. 141-59.

POMATTI, A. B.; KULZER, G. L. Concepção e desenvolvimento da exposição “Gripe Espanhola: a marcha da epidemia” do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. **História em Revista**, v. 26, n. 1, 2020. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n4/a4129.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

REZENDE, J. M. EPIDEMIA, ENDEMIA, PANDEMIA, EPIDEMIOLOGIA. **Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology**, Goiânia, v. 27, n. 1, 1998. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/iptsp/article/view/17199>. Acesso em: 20 ago. 22.

SANTOS, ADEMIR VALDIR. Escolas como postos de socorros: instituições escolares na epidemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro (1918). **Revista Brasileira de História**. 2021, v. 41, n. 87. Acesso em: 10 set. 2021, pp. 281-303. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-14>.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed., p. 368, 2020.

SILVA, A. C. **Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano recifense (1918)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32740>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, A. C. R. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. 2. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, P. H. N.; CARVALHO, A. A.T. A emancipação das Alagoas a partir do pensamento geográfico de Thomaz do Bomfim Espíndola. In: XIV Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, 19, 2021. **Anais do XIV ENANPEGE**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA111_ID95516112021231707.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

SOUZA, C. M. C. de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 945-972, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000400004&lng=en&nrm=iso. Acesso mar. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000400004>. Acesso em: 11 mar 2021.

TEODOSIO, Sheila Saint-Clair da Silva et al. A história oral e pesquisa documental como itinerário de pesquisa na enfermagem: um estudo bibliométrico (2000-2014). **Esc. Anna Nery**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000400205&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 03 Jul. 2021.

VENDRUSCOLO, C. *et al.* Ensino superior e associação brasileira de enfermagem: contribuições para o desenvolvimento e as memórias da profissão no Oeste de Santa Catarina. **Hist enferm Rev eletrônica**, Santa Catarina, v. 9, n. 2, p. 122-30, 2018. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v9/n2/a3.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ZAGONEL, I. P. S. Exercício do poder diante da complexidade das relações no espaço médico-hospitalar e de enfermagem. **Cogitare Enferm.** Curitiba, v. 1, n. 2, p. 75-80, jul./dez. 1996. Disponível em: <exercício do poder diante da complexidade das relações no espaço médico-hospitalar e de enfermagem | zagonel | cogitare enfermagem (ufpr.br)>.

WOITOWICZ, K. J. Ecos de uma história silenciosa das mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Bauru, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 253-256, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100024>. Acesso em: 22 nov. 2022.